

Stadium

de JORGE GARCIA



Uma defesa de Ernesto
no Benfica-Atlético

N.º 257

5 DE NOVEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Está galgado mais um degrau e no próximo domingo será posto o ponto final na competição. Quanto ao título, o problema n.º 1, nada mais há a discutir ou a esclarecer. Após um arranjo final brilhantíssimo, os leões são o seu detentor. Não há forças capazes de lhe tirarem o cetro. Do alto da montanha, o Sporting revê-se orgulhosamente nos seus resultados! Os quatro pontos de vantagem adquiridos à custa de sangue, suor e lágrimas põe-no a coberto de todos os deslizes e de todas as tentativas dos adversários.

Mas a última jornada ainda tem matéria de interesse, na luta que se trava pelas melhores talhadas da competição. Lembremo-nos que, do Benfica ao Oriental, cinco concorrentes, a Tabela apresenta um ponto a menos de clube para clube: 19, 18, 17, 16 e 15 pontos.

Isto indica, positivamente, valores equilibrados e luta cerrada do princípio ao fim. Se, mesmo tradicionalmente, se pode cindir o lote dos Seis em duas partes iguais, os mais fortes e os mais fracos, é evidentemente que estes últimos não se deixaram bater facilmente — procurando serem dignos da craveira dos melhores. Do nível de um verdadeiro Campeonato de Lisboa!

Esse magnífico esforço teve, na nona jornada, o seu epílogo. Os três Grandes arrancaram as seguintes vitórias, continuando a ser os 3 Melhores:

Belenenses . 6 — Estoril 1
Benfica 4 — Atlético 2
Sporting . . . 8 — Oriental 1

A jornada, de resultados desnivelados (em parte, os números não dizem toda a verdade e só a verdade!) proporcionou-nos futebol de razoável classe se não no decurso da hora e meia nos três lidos, ao menos em vários trechos das partidas.

A Tabela acha-se ordenada da seguinte maneira: *Sporting* 23 pontos, 6 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 41-14 em bolas; *Benfica* 19, 4 vit., 2 emp., 3 der., 25-16; *Estoril* 18, 4 vit. 1 emp. 4 der., 30-33; *Belenenses* 17, 4 vit. 5 der., 13-14; *Atlético* 16, 2 vit. 3 emp. 4 der., 18-26; *Oriental* 15 pontos,

Sporting é, indiscutivelmente, o n.º 1

A jornada da superioridade dos Três Clubes Históricos!

Crónica de TAVARES DA SILVA

2 vitórias 2 empates e cinco derrotas, 11-35 em bolas.

Houve uma grande dança na Tabela levando a radicais alterações: o Benfica ascendeu ao segundo posto, o Estoril desceu para 3.º; e o Belenenses subiu para o 4.º lugar, descendo para o 5.º o Atlético que naquele posto se encontrava. Só a posição do Oriental se manteve imotável. Mas não ficaremos por aqui... O último domingo constituído pela série Oriental-Benfica, Estoril-Sporting e Atlético-Belenenses ainda poderá dar diferenças cores ao Quadro da classificação geral. O interesse não se esgotou de todo! Ainda há alguma coisa para ver...

O Belenenses retribuiu na volta do correio a pesada derrota sofrida no campo da Amoreira. O clube de Belem como que tinha esse resultado atravessado na garganta, e, portanto, caiu a fundo desde o primeiro instante — a velha e sempre nova tática de um *team* conscio da sua superioridade se tornar senhor da situação...

Certamente, em paga de infelicidades passadas, os belenenses tiveram desta vez a sorte do jogo pelo seu lado.

Houve um período em que todos os golpes, mesmo os desaguidados, lhes saíam bem... Ao acontecer isto, o adversário não tem nada a fazer senão aceitar os acontecimentos como eles são...

Essa sorte do jogo manifestou-se na primeira parte durante a qual as mais belas avançadas do Estoril, bem merecedoras de golo!, passaram em branco; e também

na segunda ao ficar o seu adversário reduzido a dez unidades, a partir dos dez minutos do recomeço (Nunes foi expulso).

Do momento da expulsão para diante — a competição tornou-se unilateral. Só o Belenenses podia vencer. Se o Estoril, no final do primeiro tempo, o seu melhor período, não havia conseguido colocar-se em vencedor, como haveria agora de consegui-lo no período da desgraça?

Em todo o caso, o vencedor deu-nos um ar de graça belenense, dando ao seu futebol mais velocidade e um pouco de melhor ligação do que de outras vezes.

A defesa continua na mesma (teve mais deslizes do que é lícito permitir!), mas o ataque apresentou-se mais fresco e mais bem disposto. Talvez se esteja a passar alguma coisa de bom no grupo de Belem...

Num ataque, os *Interiores* são pedras fundamentais e quando a sua laboração é perfeita ou valiosa, toda a engrenagem se ressentir beneficiamente. Ora, o pequeno Duarte esteve verdadeiramente endiabrado, sempre activo e no seu logar, e Quaresma, com a sua velha experiência, em tarde bastante feliz, de sorte que estes dois elementos mexeram a linha da frente e suprimiram a deficiência de um centro-avancado, mole, sem domínio da bola e sem iniciativas. Por isso, a tarde das Salesias pertenceu quasi inteiramente aos *interiores* belenenses.

O Estoril foi açoutado pelo azar! Mas não é uma equipa de competição, que ponha em campo todo o coração. E' antes uma equipa harmoniosa, bem ligada e adestrada, que faz coisas magnificas mas não tem *jogo sagrado*.

Verdade seja, não fora a actualização inferior sem guarda-redes e o resultado seria diferente, de menor volume de bolas. Mas o certo é que toda a defesa jogou mal, chegando a desorientar-se. A linha dianteira deu-nos, repetimos, os mais belos trechos de jogo, demonstrando não ser injustiça tudo que se tem dito do seu talento.

Sob a arbitragem de Mário Ribeiro, desigual nas decisões e um pouco desorientado, os grupos alinharam:

Belenenses — Sérgio, Vasco, Feliciano, Amaro, Figueiredo, Serafim, Nunes, Quaresma, Teixeira da Silva, Duarte e Narciso.

Estoril — Laranjeira, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

A partida do Campo Grande decorreu com equilíbrio. Até o momento em que chegou ao resultado de 2-1, o Atlético nem se mostrou equipa inferior nem perdeu a es-

perança... Logo que o Benfica chegou ao empate, a fisionomia do encontro transformou-se sensivelmente. De ai para diante, o Benfica marchou irresistivelmente para o triunfo, encontrando no seu centro-avancado um belo artefacto dessa vitória. A 4.ª bola do Benfica marcada por Espírito Santo é daquelas que só um jogador cheio de personalidade poderá fazer e conseguir: corrida com a bola durante uma vintena de metros, travagem rápida e golo preciso!

Embora o futebol do Benfica se possa dizer mais claro, o jogo atlético affligiu o seu adversário. Os homens da Tapadinha lutaram encarnadamente e lançaram-se para a frente sem temor nem respeito pelo inimigo. E sempre que as circunstâncias consentiram — applicaram o remate perigoso. Por via de isso, o valor defensivo do Benfica fez-se notado. Notou-se ainda no Benfica a falta de Francisco Ferreira que, já refeito da distensão, deve reaparecer no próximo domingo. Bem precisa o *team* do seu precioso concurso!

Tendo sido árbitro António de Almeida, formaram os grupos do seguinte modo:

Benfica — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Horácio, Amorim, Arsénio, Espírito Santo, Corona e Baptista.

Atlético — Ernesto, Baptista, Castro, Armando II, Armando I, Morais, Martinho, Armando Carneiro, Vital, Guedes e Caninhas.

No Estádio Alvalade verificou-se o maior desequilíbrio de valores da jornada, sem que tal possa admirar... O primeiro defrontava o último, e se é certo que o Oriental se vem afirmando como equipa que gosta da luta e que para afirmar-se, numa demonstração de brio que tão bem lhe assenta, também é evidente que o onze não tem *fundo* suficiente para suportar com equilíbrio a luta em frente de um grupo de verdadeiros valores do jogo...

A própria marcha do *score* significa que, na sua maneira animosa, o Oriental lutou ardorosamente enquanto teve forças suficientes para suprir com a generosidade de luta as deficiências de ordem técnica e tática.

No primeiro tempo que acabou 2-0 (o 2.º golo sportingue, dizemolo como indicação), foi marcado aos 41 minutos), o Oriental defendeu-se e atacou por vezes com goito e valentia. O suficiente, mesmo, para virem ao de cima as falhas da linha medular leonina.

O primeiro tempo pode classificar-se como o período de desgaste do Oriental. Estava feito o mais difícil, e o mais fácil era para o Sporting na 2.ª parte fazer golos, tanto mais tendo na sua dianteira uma unidade (Sidónio) que os fabrica lindamente...

Arbitrou João Vaz, e os *teams* alinharam:

Sporting — Azevedo, Juvenal, Marques, Mateus, Barrosa, Verissimo, Jesus Correia, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

Oriental — Reis, Cruz, Moraes, Isidoro, Vicente, Carlos Costa, Augusto, Eleutério, França, Abrantes e Reu.

Domingo próximo — termina a função. Logo começará outra. A Vida não para! — T. S.

A «graça» da semana



O «leão» dorme tranqüilo e goza de excelente saúde...



Os seleccionados ouvem com muita atenção as explicações do treinador Scopelli

Seleção Nacional

Ritmo da preparação

A seleção portuguesa de futebol começou na passada quarta-feira no campo de treinos do Estádio Nacional, praticamente, a sua preparação com vista ao Portugal-França que se efectua já no próximo dia 23.

A seleção treinou contra o Atlético, tendo desgostado os seleccionadores a atitude do respectivo treinador não consentindo que no seu grupo tomassem lugar alguns dos seleccionados. João de Brito teria mesmo dito ao dr. Abrantes Mendes: — Mas é o Atlético que treina a Seleção; ou a Seleção que vem treinar o Atlético?

Só Barrosa envergou a camisola do Atlético na função de defesa lateral. A Seleção formou inicialmente com Barrigana, Alfredo, Serafim, Amaro, Feliciano, Moreira, Jesus Correia, Araújo, Vasques, Travassos e Albano. Na segunda parte, saiu Travassos e o seu lugar foi ocupado por Araújo, entrando Bravo para avançado-centro. O treino acabou 2-2, verificando-se no resultado 1-1.

A sessão teve, por assim dizer, apenas a utilidade de adaptar os jogadores ao terreno encharcado, de lhes lembrar a maneira de se equilibrarem e jogarem em semelhantes espécies de campo um pouco esquelida desde a época transacta. Parece que mais nada. Scopelli limitou-se a andar com o apito na boca, e o dr. Abrantes Mendes dirigiu o seu grupo cá de fora. Dando ordens e indicações.

A sessão desgostou os seleccionadores, entendendo estes que os seleccionados não põem nestes treinos o interesse, o ardor e a verdade que eles, responsáveis do «team», desejariam.

A verdade é que o caso não é para estranhasas! Um treino é muito diferente de um desafio oficial, e está até bem que o jogador não «de as últimas», reservando as suas melhores energias para os jogos oficiais e evitando as lesões. As sessões de preparação dentro dos clubes, como no âmbito da Seleção Nacional, valem como esforço no sentido de ligar convenientemente as várias linhas em subordinação ao sistema, e como adaptação da unidade não só ao plano geral da equipa como ao processo técnico dos seus companheiros. Esta é a sua função, a qual somente se alcança com a repetição normal e periódica de treinos, tendo o Onze mais ou menos, sempre, a mesma competição. Chega-se deste modo ao chamado «apuro da forma».

Seja como for, os Três Seleccionadores agastados com o rendimento da sessão resolveram enveredar, após reunião conjunta com Scopelli, por novo rumo.

Em conformidade, estão convocados para amanhã os seguintes jogadores, mas para treino sem adversário e apenas para aperfeiçoamento técnico individual e lição de tática: João Azevedo, Octávio Barrosa, Jesus Correia, Manuel Vasques, Fernando Peyroteo, José António Travassos e Albano Pereira, do Sporting; António Feliciano, Mariano Amaro e Serafim Neves, do Belenenses; António Araújo, Alfredo Pais e Angelo Carvalho, do F. C. do Porto; Francisco Moreira, do Benfica; e José Maria Gomes (Bravo), do Estoril Praia.

Para isso, e só para isso, devem vir do Porto três rapazes. É contestável se valerá a pena, visto os jogadores poderem lá fazer sob o comando do seu treinador os exercícios individuais. De resto, não é na altura em que um jogador chega a «internacional» que se lhe vai ensinar o «parar, dominar e chutar» ou corrigir os seus defeitos. Quanto às indicações de ordem tática, se elas podem dar-se nos períodos de antes e depois dos treinos, é na tranquilidade do estágio que mais se justificam e melhor proveito dão. Em todo o caso, aceite-se como «utilidade» o treino de amanhã.

Segundo nos informaram um dos Seleccionadores, na semana que vem o regime será outro. Mais cheio. O grupo terá um treino do mesmo género, de aperfeiçoamento técnico na terça-feira, e logo na quinta um treino com o colorido de desafio de competição para obrigar todos os elementos a empregar-se

Aos nossos agentes leitores, colaboradores e amigos

Stadium ficará desde amanhã instalada na sua nova Sede, na RUA DA ROSA, 252, 1.º, sendo para ali que deve ser enviada toda a correspondência.

Alargando e melhorando as suas instalações, «Stadium» procura corresponder ao cativante favor do público.

BASQUETEBOL

A equipa do BENFICA

tem obtido magníficos resultados em França

O basquetebol português vive presentemente uma hora de intensa alegria, em face dos magníficos resultados obtidos, em França, pela valorosa equipa do Sport Lisboa e Benfica. Realmente, ninguém ousaria supor, por certo, que a representação portuguesa — aliás, confiada a uma das melhores formações nacionais de todos os tempos — alcançaria tão concludentes vitórias, como estas que o «team» dos encarnados tem averbado, desde que se encontra além-Pirineus.

No momento em que escrevemos, desconhecemos, ainda, permenores dos encontros disputados. Porém, as escassas notícias enviadas, garantem-nos, pelo menos, que os jogos disputados contra as equipas do Dax e do Pomarez proporcionaram aos nossos compatriotas duas esplendidas vitórias, respectivamente, por 56-21 e 47-14.

Além disso, também, temos conhecimento de que a velocidade imprimida ao jogo, pelos benfiquistas, surpreendeu os seus adversários, que em nenhum dos encontros disputados, demonstraram possuir esse tranfo, tão importante noma modalidade como o basquetebol. Morais, Homero, dr. Campos, Sebastião, Trindade, Montalvão e Luis San-

tos foram os elementos que melhor impressão deixaram, entre os desportistas do Dax e Pomarez. Como marcadores, destacaram-se Trindade, Homero e Montalvão.

De realçar, ainda, a «inovação» que os portugueses aportaram, em Dax, em vez de dois períodos de 20 minutos, o jogo foi dividido em três partes de 15 minutos... Este excesso de tempo prejudicou a acção dos portugueses, que, para mais, entraram no campo, uma hora depois de terem terminado a fastidiosa viagem Lisboa-Dax.

Apesar de todas estas contrariedades, os benfiquistas souberam compreender as suas responsabilidades, lutando, infatigavelmente, por um resultado honroso para as cores nacionais.

Os dois primeiros encontros foram disputados em praças de touros — outra inovação para os benfiquistas... — e decorreram num ambiente de grande cordialidade e correcção.

Os franceses têm sido incansáveis, acamulando os portugueses das maiores gentilezas. No próximo número, esperamos poder dar aos leitores de *Stadium* mais algumas informações sobre a digressão do Benfica, por terras de França.

Monteiro Poças

a fundo, estando em perspectiva um jogo entre a Seleção Nacional e provavelmente o Futebol Clube do Porto.

Quere dizer, cortou-se o estágio de uma semana ou mais, cujas vantagens ultrapassam em muito as insuficiências, e fez-se a sua substituição por um regime que obriga os jogadores da mesma forma, a perderem uma semana de trabalho, ou umas semanas, com a agravante de os deixar em Lisboa, sem qualquer controle e entregues aos seus desejos e devaneios pessoais. Não nos parece, nem feliz nem sensata, a ideia posta em prática.

Fazemos os nossos reparos com a consciência tranquila; e por um imperativo dessa mesma consciência. Se alguém vir despeito na nossa atitude por termos deixado um cargo em que não quisémos voluntariamente ficar, ou «révanche» pela crítica que livremente apreciou o nosso trabalho — julga-nos mal... Procuramos contribuir com o pouco que sabemos mas já com o muito da nossa experiência para o melhor aproveitamento possível do Futebol Português na Seleção Nacional. Onde não há má intenção deve ver-se tributo de trabalho e desejo de cooperação. Há indícios na preparação do Grupo Nacional de um pouco de desorientação. Não está no nosso temperamento ficarmos de braços cruzados, ou escrevermos apenas para dizer bem — quando as coisas não caminham lá muito bem.

Evidentemente está fora de causa o «manifesto desejo de acertar» por parte dos Três Seleccionadores, e várias coisas eles têm feito de bom fundo e orientação. Está nestas condições reunir os jogadores num almoço após os treinos, como medida de camaradagem e fortalecimento de amizades. Procura-se neste recurso criar o «espírito de equipa» que tão fortemente se desenvolve no estágio. Digam os homens o que disserem: mesmo que se queira fugir de determinados meios de acção e preparação cai-se neles.

T. S.

CORONA *outro producto barreirense*

QUE SE ACOLHEU AO FUTEBOL LISBOETA, NA ÉPOCA FINDA, DIZ NÃO LHE INTERESSAR O PROFISSIONALISMO

Há sempre interesse para o jornalista, ainda que mais não seja o de «fazer» a constituição das equipas na jornada seguinte, com as consequentes notas «à sensation» em rondar os campos dos clubes.

Por isso aproveitámos uma cálida manhã da semana finda para dar uma volta pelo Campo Grande. Oito horas, e está tudo a postos... Num dos cantos do rectângulo, um «plinto» onde os atletas dentro de momentos irão ensaiar saltos ágeis, no intuito de manterem em forma os músculos. Numa berma, mais além, são bolas, muitas bolas, que aguardam serenamente o momento de serem «chamadas» ao terreno — quando poderemos escrever «à relva?» — para serem caprichosamente arremessadas em todas as direcções. E enquanto ele não chega, lá andam, em redor do rectângulo, executando um proveitoso treino que lhes dará o indispensável fôlego, as caras conhecidas dos «players» de todos os domingos.

Encostados à vedação, surgem-nos insensivelmente na mente episódios da vida desportiva de cada um deles, e isso nos leva, sem dar por isso, a fixar a figura franzina de Corona — Eduardo José Corona —, 22 anos sádios, de quem muito há a esperar pelas qualidades reveladas nos primeiros encontros disputados pelo seu clube no torneio em curso da A. F. L.

Afastado há três jornadas, por motivos disciplinares, das competições oficiais, pensámos ouvi-lo para a nossa Revista, crente que algo teria a dizer para o público que servimos, até pelo inesperado do seu afastamento da turma principal do Benfica, depois de 2 jogos para o Campeonato de Lisboa, na época finda, seguído do retorno, na época corrente.

Estava indicado, pois, que fosse essa a nossa primeira pergunta.

— Não vi nessa «baixa» — diz-nos Corona — mais do que o efeito da «forma» em que me encontrava. Compreende... estranhei o «ambiente». Não é em dois ou três jogos, que nos compenetrámos da *mística* que anima os atletas do Benfica. É preciso sentir-lhe primeiro os efeitos, muito embora exista, como no meu caso, atracção para o mais popular clube do nosso País.

— Nesse caso — proseguimos

— tem motivos para lhe agradar a permanência no Benfica?

— Dou-me muito bem no seio da sua família. Sou acarinhado, como se nele me tivesse feito...

Aproveitamos a oportunidade para lhe perguntar:

— Onde começou?

— Num Clube modesto da minha terra, o Lavradio. Passei depois para o Luso, do Barreiro, e deste, para o meu actual Clube, que será o último.

— Num e noutro alinhou sempre no mesmo lugar que ocupa na equipa do Benfica?

— Nunca conheci outro posto, a não ser nalguma, rara, tentativa de adaptação.

— Vimo-lo, há pouco, proseguimos, treinar a extremo. Vai alinhar nesse lugar?

— Ignoro-o — diz-nos Corona. Mas se me derem ordem para o ocupar, ainda que me sinta deslocado, desempenhá-lo-ei. Tomei o compromisso moral de servir o meu clube, sirvo-o, portanto, com a dedicação que me cumpre.

— Qual é, então, o lugar que mais lhe agrada na equipa?

— Aquele em que jogo.

Há perguntas cujas respostas vão de encontro aos desejos de tudo saber, dos admiradores da bola.

Por isso perguntámos a Corona:

— Como gosta de rematar à baliza?

— Como a ocasião permite. Mas confesso-lhe que me «saíem» com mais «genica» os remates que possa fazer sem que a bola toque no terreno, e com o pé esquerdo.

— Qual é o guardaredes que mais lhe custa «bater»?

Corona sorri quando nos diz; — todos são difíceis quando não deixam ir às malhas os remates que me saíem dos pés. Há um no entanto, perante o qual, sinto mais «respeito»... é Azevedo. Até mesmo na ocasião de fazer as cargas que as leis permitem, há cá dentro qualquer coisa, que não sei explicar, a segredar-me que tenha cuidado. Talvez porque é o indiscutível guardaredes da Selecção Nacional, talvez porque é da minha terra... Não sei explicar-lhe!

— Dos encontros que tem disputado, qual o que melhores recordações lhe deixou?

— O Benfica-Charlton, ao Estádio Nacional. Há três razões para isso: foi a minha estreia oficial no Benfica, embora já tivesse alinhado na despedida

de Gaspar Pinto, joguei pela primeira vez sobre a relva e defrontei um grupo estrangeiro.

A propósito, puzemos-lhe a pergunta de como receberia sua internacionalização.

Corona exprime-se com um cunho de sinceridade: — É muito cedo para pensar nela. Estou longe de atingir o máximo para isso. Mas trabalharei por justificá-la, se ela um dia chegar. Até lá, contento-me em merecer a honra de representar o Benfica.

Como o víamos, momentos antes, consultar o relógio, no possível recelo de não alcançar o barco que o transportaria ao Barreiro, onde tem as suas ocupações, disparámos-lhe:

— Gostaria de ser profissional?

Para quê?... respondeu-nos, com admiração. Preocupa-me muito o meu futuro, e acho que o futebol não o pode resolver. Desejaria, sim, alcançar uma posição onde dispendesse menos esforço físico do que aquele a que me obriga o meu ofício. Com isso, beneficiaria a minha «forma», pois é rara a tarde em que regresso a casa com disposição para mais do que deitar-me e descansar o corpo. Mas daí a desejar viver apenas do futebol vai uma distância que não quero transpôr. O profissionalismo, portanto, não me agrada, pois não resolve o futuro do jogador, na minha modesta opinião, claro, e salvo o devido respeito pela dos outros.

E, para remate apenas como satisfação àqueles que admiram Corona pelas suas qualidades de futebolista e nele veem um jogador correcto, puzemos-lhe esta pergunta:

— Como recebeu a sanção disciplinar que acaba de cumprir?

— Como todo o bom «soldado» que cumpre sem discutir. No íntimo, porém, não me julgo merecedor dela. Julgam-me mal os que me supuzeram capaz de ter agredido o meu adversário da luta desportiva. Aos que me conhecem como correcto nas pugnias do desporto, agradeço a prova de confiança que me deram não acreditando nas afirmações que se fizeram à volta deste caso. Aos outros... Olhe — disse-nos Corona já a despedir-se — «águas passadas não movem moinhos». O que lá vai lá vai...

ROSA DE MATOS



Corona, em corrida...



O simpático jogador «posa» para o nosso fotógrafo, enquanto os outros sorriem...



Corona gosta de rematar com o pé esquerdo...

O jogador Fernando Soeiro

aspira fixar-se em definitivo no grupo de honra do SPORTING e diz-nos:

«Sou um impulsivo, mas não um mau carácter»



FERNANDO SOEIRO

TRAZEMOS hoje ao conhecimento público, as afirmações de Fernando Vitorino do Carmo Soeiro que, embora jovem na idade, não é, todavia, um «novato» nas andanças da bola.

Ingressou esta época no Sporting Clube de Portugal, tendo alinhado pela vez primeira, envergando a camisola dos «leões», na festa de despedida do «internacional» benfiquense António Martins.

Jogou seguidamente nas Reservas, alinhando na primeira categoria contra o Atlético, no desafio da segunda volta da «Taça de Honra» da Associação Lisboaeta, tendo-se mantido até hoje nesta categoria.

Alto, musculoso, seco de carnes, os seus 22 anos são segura garantia de que tem risonho futuro na sua frente, podendo, se para tal a vontade lhe não faltar, aspirar legitimamente a um lugar distinto no futebol nacional.

Trabalho consciente em profundidade, no sentido de aperfeiçoar as qualidades reveladas, com a consequente correcção dos defeitos que ainda possui, é condição primordial para o triunfo que, quando chegar, lhe deve assentar bem.

Natural da Moita do Ribatejo, cedo começou a dar pontapés em bolas de trapo, seguindo a natural tendência de todos os «garotos». Aos 18 anos, prestou o seu concurso ao União Futebol Clube Moitense, fazendo parte das Reservas que disputaram o Campeonato da II Divisão da A. F. S.

Mercê do valor demonstrado, transferiu-se na época seguinte para o Vitória de Setúbal, que solicitara a sua cooperação, jogando indistintamente em Reservas e Honras, durante três anos.

Sondado, cautelosamente, por vários clubes da capital e até por um do Minho, optou pelo dos «leões», por este convite vir ao encontro dos desejos que intimamente alentava. A substituição da camisola fez-se, portanto, por simpatia clubista. As cores são as mesmas, apenas a posição das listas se alterou...

Avesso por índole, a desempenhar o lugar de médio de ataque, joga com alegria no posto de defesa direito a cobrir o extremo, entregando-se à luta por prazer.

Quando o abordámos e lhe dissemos o que pretendíamos, declarou-nos:

— Ainda não me considero digno de merecer a distinção que a «Sta-

dium» me quer conferir. Mais tarde, quando de facto me afirmar como um jogador de real valia, terei muita satisfação.

Mas como houvessemos recebido uma incumbência, urgia dar-lhe cumprimento. Assim, argumentámos da melhor forma e Fernando Soeiro acabou por aceder.

Registando as suas afirmações, fugimos propositadamente às perguntas e respostas em série, transformando um diálogo em amena narrativa que, supomos, por fugir ao habitual, poderá aparentar menos interesse... Mas não; as imagens sucedem-se ritmadas, nada perdendo a prosa do seu sabôr.

Ouçamo-lo:

— Inscrevi-me esta temporada pelo Sporting, tendo usufruído uma das maiores alegrias da minha vida quando me foi comunicado que tinha sido autorizada a transferência. Que quer? Já de há muito que no mais recôndito do meu sentir existia a inclinação sportinguista!

«Comecei a actuar nas Reservas, não me eximindo, nunca, a empregar o melhor dos meus esforços na defesa da camisola que ora envergo com orgulho. Com o decorrer do tempo, foi-se arreigando no meu espírito a ideia de que podia ascender, a seu tempo e por mérito próprio, o único que admito, à equipa de honra. Quando me foi dito que jogaria naquela categoria contra o Atlético, recebi a notícia com alvoroço — porque não confessá-lo? —, mas reconheci, imediatamente, que haviam aumentado as minhas responsabilidades.

«Joguei o desafio sem nervos, confesso-lho sinceramente, e actuei o melhor que pude. A razão da minha

calma, residiu no facto de estar acostumado a encontros de responsabilidade, porque no Vitória, bastantes fiz no Campeonato Nacional da I Divisão.

Uma pausa para se concentrar e...

— No Sporting reina uma perfeita camaradagem entre todos os jogado-

res, podem atestar, com verdade, que não minto.

«Estou certo de que, no futuro, mostrarei mais claramente que o meu jogo é leal, embora não deixe de lutar com ardor, ganhando ou perdendo o lance, porque os adversários, embora os respeite e admire, não me



SOEIRO diz-nos: Sentados conversaremos melhor...

res, o que me aprás registar. O treinador é excelente e devo-lhe muitas atenções pelo especial carinho com que me tem distinguido. Já que falei de Kelly, não posso deixar de recordar com saudade e gratidão, Armando Martins, o inesquecível «internacional», e Serradas Duarte, que foram meus treinadores e a quem devo muito do pouco que sei, envolvendo no mesmo prelo de reconhecimento pelos preciosos conselhos que me deu, o excelente jogador que foi Aníbal Rendas.

As palavras do meu interlocutor saem límpidas e fluentes. Parecendo adivinhar o que pretendíamos saber, diz-nos:

— Afirma-se que sou impetuoso em demasia, quando jogo, chegando a empregar, às vezes dureza desnecessária. Posso declarar-lhe, sem reboço, que jogo naturalmente e sem qualquer intenção de agravo para com o adversário que me compete marcar. Não desejo para os outros o que não quero para mim. Sou de facto impulsivo, reconheço, mas não sou um mau carácter. Sempre joguei assim, desde os primeiros treinos no Moitense e os valorosos companheiros que até hoje tenho defrontado,

impressionam seja qual for a sua categoria. Para mim, o extremo esquerdo mais difícil de anular é Albano, pela sua vivacidade desconcertante.

«A propósito de dureza, vou contar-lhe um caso passado...

Durante um curto lapso de tempo concentrou-se, como que a reviver o que nos ia contar.

—...no Seixal, já lá vão uns anos, quando a Reserva do Vitória defrontou a do clube local. Se empatámos esse jogo a uma bola, o resultado obtido deveu-se a mim, vá lá a modestia. Os avançados contrários «entusiasmaram-se» de tal forma, clamorosamente incitados pelos espectadores, que os meus companheiros, a partir de certa altura, não se metiam no «barulho». Dos cinco da defesa, fui eu o único que não lhes voltei a cara. Terminado o prélio, quando me dirigia para a cabina rodeado pelos restantes jogadores, o juiz da partida, acercou-se de mim e afirmou-me: Francamente, gostei de te ver jogar. É preciso que sejas muito

(Continua na pág. 18)



Ei-lo de volta às suas ocupações

Pitta Castelejo

Os componentes da equipa de esqui de França

começaram a sua preparação para os Jogos Olímpicos de Inverno de Saint Moritz

Artigo inédito de PIERRE LORME

Os Jogos Olímpicos de inverno aproximam-se. Três meses apenas nos separam do dia 2 de Fevereiro, data em que se inaugurarão solenemente os Jogos de Saint Moritz. E' durante este curto espaço de tempo que o esforço de preparação dos concorrentes vai ser mais intenso.

Em França, a Federação de Esqui tomou já as disposições necessárias para que esquiadores e esquiadoras susceptíveis de figurarem dignamente no primeiro grande confronto mundial de após-guerra sejam preparados de modo a defender nas suas probabilidades nas melhores condições.

Certamente, a Federação gosa duma prosperidade até aqui desconhecida. Desde a L.bertação, os seus efectivos seguiram uma progressão notável. Em 1944-45, 6.000 esquiadores e esquiadoras estavam regularmente inscritos. Este número, em 1945-46, passou a 30.000; e, em 1946-47, a 60.000 aderentes, reunidos em 750 sociedades.

E' bom indicio para o futuro, mas isso em nada resolve, para os dirigentes responsáveis, os problemas suscitados com a pro-

ximidade dos Jogos Olímpicos. Um programa completo foi elaborado, inspirado na dupla preocupação de permitir aos esquiadores de classe já conhecidos conseguirem a sua melhor forma e de se descobrir os jovens dotados de qualidades que, rapidamente, se possam transformar em esperanças.

Três estágios de treino e de preparação

Os esquiadores julgados capazes de serem incorporados na equipa de França, foram divididos em dois grupos. Dum lado, os corredores de fundo; doutro, os especialistas nas descidas; e os saltadores.

Para os primeiros, um estágio de três meses em Rousses, no Jura, já está funcionando e reúne 14 elementos.

Para os outros, em número de 15 homens e 6 senhoras, criou-se um treino, também em Rousses, de 40 dias.

Neste primeiro estágio de treino, não se trata do esqui propriamente dito, mas do aperfeiço-



James Coultet, o melhor francês na especialidade da descida

mento das condições físicas sob a direcção de dois monitores de educação física.

Um segundo estágio de treino geral do esqui seguir-se-á durante a segunda semana de Novembro. Esquiadores e esquiadoras serão distribuídos pelos centros regionais conforme a acumulação de neve nas estâncias. Este estágio será dirigido por dois professores de educação física. Um, já está designado, é Omnes, atleta completo e antigo campeão de França dos 110 metros barreiras.

Enfim, um terceiro e último estágio consagrado, desta vez, ao treino do esqui propriamente dito, completará os dois primeiros de 5 de Dezembro a 5 de Janeiro. O local só será fixado no princípio de Dezembro, segundo as condições da neve das diversas estâncias. Recberá, simultaneamente os campeões e os jovens esquiadores ainda desconhecidos e que se revelarem nas primeiras semanas da época.

A progressão do treino técnico será regulada pelo Conselho de Treino da Federação, que compreende quatro personalidades bem conhecidas no mundo do esqui francês, James Coultet, Mora, que regressa da Suécia, Jacquenod e Chatillon.

Os treinadores já foram designados. São, para o fundo, Robert Gimbre, muitas vezes campeão de França; para o salto Régis Charlet. Nenhum treinador especial foi designado para a descida e para o «slalom». Calcula-se, com razão, que os conselhos de James Coultet, capitão da equipa, bastarão.

Enfim, foi a Auguste Masson que foi confluído o treino das senhoras para a descida e para o «slalom».

Não foi sem grandes dificuldades que a Comissão desportiva da Federação francesa de esqui conseguiu pôr em execução um programa tão absorvente para os esquiadores. A maioria dentre eles, com efeito, têm profissões que não lhes deixam muito tempo livre. Muitos são cultivadores das regiões montanhosas, cujos trabalhos os ocupam até ao inverno.

Todos, no entanto, aceitaram de boa vontade submeterem-se às

instruções federativas. O prestígio dos Jogos Olímpicos, a honra de representar a França na grande competição mundial, valem bem alguns sacrificios...

Quadros de experientes enquadram os novos

Perguntei a Michelet, secretário geral da Federação quais são, na sua opinião, entre os estagiários de Rousses, os que parecem melhor preparados para os Jogos de Saint Moritz.

— Pelos resultados do ano passado, respondeu-me, os nossos chefes de fila, para o fundo serão Jeandel que, como Mora, esteve muito tempo na Suécia, Chaix, dos Altos Alpes e Bouveret, do Jura.

«Na descida, James Coultet, Jeau Bluc, o jovem Oreiller, Claude Penz, Leduc, Laeroix, Panisset, Sanglard, constituirão a armadura da equipa de França. Todos possuem classe e experiência.

«Mas não esqueça que a esses já familiarizados com as grandes competições virão juntar-se, espero-o, jovens de classe, que beneficiarão dos ensinamentos dos seus maiores.

— E nas senhoras?
— Temos este ano a alegria de termos visto regressar Georgette Thiollière que, casada com Mr. Miller, um americano, nos tinha deixado para acompanhar o seu marido à Califórnia, a Sun Valley. Lá, ganhou ela a Taça Harriman, o que é uma referência sugestiva sobre a sua forma. Nos termos da lei, ela conserva este ano ainda a nacionalidade francesa e poderá correr pela França. E' uma satisfação para nós, porque a Suíça, com Mlle. Olivia Ausoni, a Itália, com Mlle. Célia Sghi e a Austria, com Mlle. Trude Heiser, estarão formidavelmente apetrechadas.

«Nós teremos também Suzanne Thiollière, a irmã mais nova de Georgette; François Gignoux. Lucienne Coultet, agora Madame Schmidt teve um bebé o ano passado e readquiriu agora a sua



Georgette Thiollière, casada com um americano, que representará, no entanto ainda este ano a França

(Continua na pág. 16)

NOTAS
DO
BELENENSES
ESTORIL

O Belenenses começou com fúria, num assédio teimoso. Indicando claramente que buscava a revanche.

NO período de domínio inicial, o médio Figueiredo, a grande revelação desta época, concluiu com um tiro de recarga, forte e rectilíneo, uma série de insistências do seu grupo.

Figueiredo tirou arenga nessa recarga. Podia não ter feito mais nada em todo o desafio...

UM gesto de Feliciano causou má impressão. Não obstante, o árbitro tinha punido o jogador injustamente. Comentário ao nosso lado:
— Doi muito ser castigado não tendo praticado qualquer delito!

UM juiz de linha assinalou *ofside*, a um amarelo. O árbitro ou não viu ou não ligou nenhuma. Se não ligou nenhuma — fez muitíssimo bem...

TODOS de um partido reclamaram *penalty* por mão não-intencional de Eloi. Ninguém reclamaria a grande penalidade se, em vez de Eloi, a mão não-intencional fosse de Feliciano!

A mais bela jogada de todo o desafio correu a cargo da linha avançada do Estoril e deu-se quase no fim da primeira parte, passando a bola de pé em pé, por alto, com precisão geométrica e sempre para a unidade desmarcada.

A jogada terminou com um estupendo remate de Lourenço, passando a bola a rasar a travessa. O lance merecia golo, mas só contam golo as bolas que entram na baliza!

NAS Salésias, no intervalo, anunciaram-se pelo alto-falante os resultados. Que o Benfica perdia 1-2, e a alegria inundou as Salésias...

LARANJEIRA, o guardaredes do Estoril, deixou entrar a terceira bola. Quando um *keeper* consente no cruzamento do jôgo na sua frente e ao seu alcance, só lhe resta deixar entrar as bolas...

AOS 10 minutos, o desafio prosseguiu mas acabou a competição. António Nunes, o médio de ataque, fôra expulso do campo — por más palavras.

O árbitro desculpou algumas acções más, mas não perdoou as más palavras...

ENFIM, o Estoril marcou a primeira bola.

Hesitamos entre duas coisas: admirar o feito de Vieira, ou admirar a maneira como Feliciano e Vasco se deixaram bater...

LARANJEIRA deixou entrar a 4.ª bola. Quando um guardaredes alivia fracamente, com as mãos abertas, à lala de voleibol, para perto a única coisa que tem a fazer é deixar entrar as bolas!

O domingo passado foi o dia dos interiores belenenses: Duarte, o dinâmico; Quaresma, o experiente.

OS belenenses responderam na volta do correio aos 5-0 do Estoril...

T. S.



Laranjeira defende, carregado por Teixeira da Silva. Amaro está claramente ao ataque...



Quaresma só tem a vencer a dificuldade do guarda-redes... Por vezes a maior!

Fotos MANIQUE



Alberto e Eloi, em combinação, evitam a entrada de Quaresma



Teixeira da Silva ataca, mas não chega a tempo...

NATAÇÃO

O SPORT ALGES E DAFUNDO

Inaugurou a temporada de inverno

Uma semana volvida sobre o encerramento da época oficial de natação ao ar livre, o Sport Algés e Dafundo inaugurou a sua piscina de inverno «Eduardo Portugal».

O magnífico baluarte da natação lusitana mantém, assim, em ininterrupta actividade não só os seus elementos mais representativos, mas também todos aqueles que, saídos das escolas de verão, desejam alcançar lugar de categoria na modalidade.

O festival de domingo último, preenchido com provas de 50 metros, nos três estilos, e sem distinção de categorias, correspondem perfeitamente aos fins em vista. Relegando para segundo plano o valor dos «tempos» obtidos, o festival marcou, essencialmente, o primeiro contacto dos nadadores com água aquecida. Mesmo assim, houve provas bem disputadas. Os elementos mais novos correram com a energia e o entusiasmo que lhes são peculiares.

As senhoras também compareceram, sendo justo salientar a actuação de Maria Luíza Malheiro da Silva com duas excelentes vitórias nas provas da sua especialidade: 50 metros-livres (38,3 s.) e 50 metros-costas (52,4 s.).

Otilia Raposo venceu, em luta renhida, os 50 metros-bruças, em 49 s. Maria Luíza Araújo, Regina Deniz Mendes e Fernanda Cunha são nomes a fixar.

Vinte e cinco rapazes — divididos em várias séries — disputaram os 50 metros-livres. A frente,

com a melhor marca, surge-nos Franco do Vale (32,6 s.), que não é propriamente um especialista de estilo-livre, e que travou boa luta com José Cabral Júnior (33 s.). Em lugares de honra quarto elementos de muito valor a, sobretudo, de muito futuro: José Borja (34 s.), Fernando Madeira e Henrique Freire (35,5 s.) e Eurico Surridge (35,8 s.). A própria sequência dos «tempos» demonstra bem a animação de que a competição se revelou.

Na prova de bruços, com onze participantes, também se verificou relativa igualdade de valores.

João Faria Bichinho (41,3 s.) venceu à frente de um lote de bons elementos dos quais destacamos — visto que formaram grupo à parte — Gameiro das Neves (42 s.), Eduardo Candeias (43,6 s.), Luís Sebastião (43,8 s.) e Vasco Dias Pereira (44 s.). Oxalá todos continuem trabalhando com vontade e perseverança, dado que lhes não faltam qualidades.

A corrida de costas marcou o regresso às lides de competição do antigo campeão João Pereira Bastos. E regressou bem, com uma vitória.

Pereira Bastos creditou-se de 36,6 s., contra 37,2 s. do esperanças José Borgia.

Domingo próximo, novo festival de características idênticas, mas com as provas, desta vez, na distância de 100 metros.

Abreu Torres

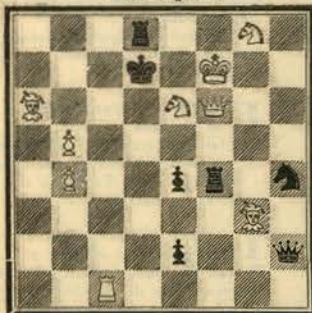
INICIATIVAS DA «STADIUM»

O "match" Luso-Espanhol em Problemas de Xadrez

d) os nossos classificados

Tema Portugal

F. GOZALEZ GUILLEN
Santa Margarita

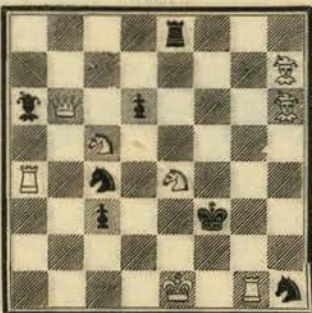


Classificação: Sellberger: 6 pontos (1.º); Kipping: 5 (10.º) = 9 pontos.

Veredicto do juiz C. S. Kipping: (Tema P. G. Guilien, Sol. 1. Tei) — «Construção limpa e clara, porém o problema resalta elementar». (Tema E. N. Graça, Sol. 1. Db3): «Correcção negra. Um belo tra-

Tema Espanha

J. G. MARIZ GRAÇA
Coimbra



Classificação: Sellberger: 9 pontos (4.º); Kipping: 2 (11.º) = 11 pontos.

belo, muito solto e agradável». (A construção é elegante em ambos os problemas, todavia o nosso compatriota consegue realçá-la a outro notável mérito: excelente jogo temático, em que

SEGUNDA DIVISÃO DA A. F. L.

O S. L. e OLIVAIS

vencendo o Sacavenense no seu próprio campo

obteve o melhor resultado da jornada

O Operário não precisa de ganhar agora qualquer jogo para se considerar campeão. E o Sport Lisboa e Olivais, mesmo que perca o desafio que lhe falta, com os campeões, no seu campo, safar-se-á sempre do último lugar, por ter melhor «goal-averagem» que o Sacavenense.

Logo, a última jornada teve a particularidade interessante de fixar os primeiros e os últimos.

Vejamos agora a classificação:

Operário 9 jogos, 17-8 bolas, 24 pontos; F. Benfica 9 j., 16-8 b., 21 p.; Casa Pia 9 j., 16-17 b., 18 p.; Arroios 9 j., 11-13 b., 16 p.; S. L. Olivais 9 j., 15-17 b., 15 p.; Sacavenense 9 jogos, 7-19 bolas, 13 pontos.

Há parabéns para o Operário, que ainda não foi derrotado na presente época. O Futebol Benfica, a despeito da sua boa categoria, contentar-se-á com o segundo posto. O Casa Pia principiou bem mas teve uma segunda parte da prova fraca. O Arroios está próximo do Olivais, grupo que foi prejudicado por algumas expulsões, nunca podendo por isso apresentar uma equipa certa.

No último desafio, o seu avançado-centro António Moreira, foi um dos expulsos. A decisão do árbitro foi um tanto rigorosa, pois António Moreira pretendeu apenas defender um seu irmão, também jogador do Olivais, da agressão de um adversário. Por bem fazer...

Casa Pia — Romário; Vasco da Gama e Frazão; Rui Medeiros, Júlio e Pais; Carmo, Dias, Prates, Garção e Carvalho.

Árbitro — Augusto Oliveira Machado.

No campo de Sacavém:

Olivais — Jaime Paiva; Correia e Tomás; Guilherme, Rogério e Ferreira; Pimenta, Agostinho, Moreira, Leonel e Carlos Paiva.

Sacavenense — Agostinho; Fausto e Octávio; Domingos, Figueiredo e Alvaro Gomes; Luís Neves, Lourenço, Jorge Pereira, Tancredo e Tristão.

Árbitro — Joaquim Serra.

O comportamento de vencidos e vencedores

No campo do Chelas conseguiu o Arroios bom resultado, embora perdendo o desafio por 1-0. Mas a ideia de que o Operário poderia chegar ao empate ficou bem vindada no espírito do público assistente.

Os casapianos não puderam submeter os donos do campo de «Francisco Lázaro», que triunfaram por 4-2 e com a melhor regularidade possível.

A vitória do Olivais, no próprio campo do Sacavenense, por ser expressiva (4-1) deve pôr-se em lugar saliente. O Olivais possui boa equipa, a despeito da sua classificação na prova.

Como alinharam todas as equipas

Os grupos apresentaram-se no último domingo assim constituídos:

No campo do Chelas:

Operário — Délio; Diamantino e Galleu; Serafim, Rogério e Amorim; Gonçalves, Henrique, Antero, Anibal e Canal.

Arroios — Cardoso; Agostinho e Calais; Ernesto, Dario e Ramos Silva; Parente, Pinho, Gralho, Jaime e Almeida.

Árbitro — Manuel da Silva.

No campo de «Francisco Lázaro»:

F. Benfica — Anibal; Henriques e Diogo; Edmundo, Dias e Nogueira; Coucelo, Francisco Carvalho, Inácio, Jorge e Esteves.

o Cavalo branco é despregado duas vezes, numa das quais — na variante temática: 1... Ce3;2, Cg5! — com dual evitado por despregagem. Um outro tema ocorre nesta magnífica variante: o «Somoff» (ou Tema B, na nomenclatura russa) ou seja: «as negras abrem uma linha branca (Te4) permitindo o encerramento dentro linha branca (Bh6) sobre determinada casa (f4). V. Santos.

Tauromaquia

A festa de homenagem a JOSÉ ANDRÉ

José André dos Santos, grande aficionado, fundador da Tertúlia Tauromáquica, além de tudo, excelente carácter e bom amigo, foi homenageado num jantar de confraternização.

O nome de José André, alcohético dos quatro costados, reunia à sua volta cerca de cento e cinquenta pessoas, de todas as categorias sociais. É mesmo raro ver-se uma manifestação tão sincera e espontânea.

A personalidade do nosso excelente amigo e camarada do jornalismo (e pode falar-se em personalidade ao referir-se o nome de José André) foi traçada por vários oradores que justamente vincaram e enalteceram o seu estilo, a sua inteligência e também a sua lealdade de homem e amigo.

José André parte brevemente para África em serviço profissional — mas fica conosco!

Ecoss...

Afirma-se que será um facto, depois de encontrada a plataforma conciliatória dos interesses em causa, o ingresso dum discutido jogador de futebol nas fileiras dum clube muito popular.

↪ Dava-se como certa, no final da última semana, a solução do problema máximo do clube dos «encarnados»: a localização do terreno destinado ao futuro parque de jogos. Registamos o facto, com os nossos votos de que a notícia se confirme, para satisfação dum anseio justíssimo.

↪ Os reveses ultimamente experimentados pela equipa de futebol dum clube concorrente ao torneio da A. F. L., parece terem quebrado um pouco a «pontade» do seu treinador. Dizem-nos que ele o teria confessado em roda de amigos, pelo menos...

↪ Terreiro, o promotor extremo-direito iniciado nos «juniores» do Benfica, que na época finda chegou a alinhar, com aplauso da crítica, na categoria de honra, deverá representar o Lusitano de Vila Real de Santo António no próximo Campeonato Nacional.

↪ As tentativas produzidas pelo treinador dum dos «grandes» para encontrar um ataque que corresponda à defesa da sua equipa de futebol, têm suscitado na massa associativa do mesmo a «recordação» dum habilidoso elemento dispensado.

↪ Causou decepção nos «torcedores» lisboetas o «capricho» do sorteio do Nacional, que não «permiu» que antes de 21 de Dezembro se pudesse ver em acção contra um clube da capital a equipa do F. C. do Porto. As referências feitas ao actual valor do campeão northeno e o óptimo resultado obtido em Valência, justificam a espectacularidade à volta do encontro Porto-Belenenses, naquela data.

↪ Para mais valorização do estado de espírito a que nos referimos, há a circunstância de se saber como a «sturn» de Amaro costuma actuar na Cidade Invicta.

↪ Sabemos que o Conselho de Seleção requereu à Direcção Geral pelas vias competentes para não ser permitido que Jesus Correia tome parte em desafios de hoje, enquanto não se disputar o Portugal-França de futebol.

Na época passada, por virtude da efectivação do Campeonato mundial de hoje, Jesus Correia foi proibido de jogar e treinar futebol apesar de estar um match importante de futebol à porta...

Mas então havia uma razão poderosa para que assim se procedesse, e tal razão subsiste mas virada ao contrário: o próximo Portugal-França justifica inteiramente a medida caso esta venha a ser tomada.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Rogério

e o treinador do Botafogo

Lê-se no «Diário da Noite», do Rio de Janeiro, de 26 de Setembro, a seguinte notícia encimada com um vistoso título «Ondino desiludido com Rogério»:

«O Botafogo andou lutando há tempos com falta de ponteiros. A sua diretoria, no entanto, não poupou esforços em prestigiar a sua acção de futebol e mandou vir de Portugal o ponteiro Rogério, indiscutivelmente um jogador que possui alguma qualidade. Acontece, porém, que o técnico Ondino Vieira, ultimamente, tem-se aborrecido com o crack luso, uma vez que o próprio «coach» oriental vê em Rogério um elemento que ainda poderá ser muito útil ao Botafogo. Mas o ex-extrema do Benfica vem demonstrando certa indolência, que para o preparador alvi-negro não se justifica. Ainda no exercício de ontem, Ondino Vieira se aborreceu bastante, pois Rogério não quer usar a camisa, evitando a todo o transe disputar uma jogada. Caso o referido jogador venha a insistir no seu ponto de vista, Ondino Vieira está propenso a fazer uma exposição de motivos contrária ao seu pupilo internacional.»

A Académica

deixou boa impressão

em Salamanca

A Associação Académica de Coimbra defrontou no domingo, 26 de Outubro, o União Desportivo de Salamanca e perdeu pela diferença de um golo, quatro a cinco. Os pontos portugueses foram marcados por Aníbal, Garção e Bentes (2). Quando atingido o intervalo, o resultado era de 2-1 a favor da Académica.

O campo, amplo, encheu-se, e o nosso grupo deixou magnífica impressão, conseguindo um primeiro tempo brilhante. Apesar da defesa contrária jogar com energia e entusiasmo, os académicos desenvolveram futebol preciso e de bons desenhos, desmarcando-se rapidamente no ataque e conservando sempre a bola no terreno.

Na segunda parte, depois do

CAMPEONATO DE LISBOA

SEM dúvidas, vários campeonatos distritais eram provas vivas e emocionantes, do mais alto interesse desportivo e espectacular. Dentre todos sobressaia, dado o seu vulto, o Campeonato de Lisboa.

A Prova deste ano, tendo mudado de nome, parece ter reinventado em todos os aspectos de que uma competição se pode orgulhar, refluindo semana-a-semana em belas manifestações.

As seis forças que tomam parte no Torneio travaram uma luta reanida e cheia de surpresas — o sal e a pimenta das competições — surgindo-nos os resultados de desnível como excepção à regra do equilíbrio e nivelamento de valores. Só quem seja movido pelo partidismo ou pelas razões de interesse próprio, pode tirar valor à Prova Lisboa reduzindo-a a manifestação sem interesse.

De resto, o «aficionado» não se deixa iludir e segue atrás do bom espectáculo desportivo, sabendo já distinguir a qualidade. As grandes assistências exprimem de modo iniludível o interesse manifestado pelos encontros.

Ora, tem-se registado grandes assistências nos campos lisboetas atingindo-se nos desafios-cume magníficas receitas, e mesmo em encontros menos importantes receitas razoáveis, com a grande vantagem, para estes clubes, do Torneio não obrigar a viagens, e resultarem menos oneradas as organizações.

Não se descobrem razões para eliminar uma competição desta natureza, de elevado interesse no duplo ponto de vista desportivo e de angariar receitas. A não ser que se queira propositadamente dar cabo do que é manifestamente bom e de primeiríssima qualidade.

CONTA-GOTAS

A Inglaterra venceu o País de Gales por 3 a 0. O resultado é já conhecido. Diz-se, porém, que, durante meia hora, os vencedores realizaram o mais belo futebol que se tem visto em desafios internacionais. A linha dianteira, da mesma composição que alinhou em Portugal, é comparada aos famosos diabos escoceses (Alex Jackson, Dunn, Gallecker, Alex James e Alan Morton) de 1928.

de linha foi por vezes o 12.º homem da equipa visitante...

A afirmação parece-nos muito exagerada. Canuto auxiliou com honrads o árbitro.

G. Hanot, pelos vistos, só teve olhos abertos para o juiz de linha português mas fechou-os bem para o auxiliar francês...

O jornalista francês Gabriel Hanot, num dos seus últimos artigos, e sem nenhuma oportunidade, diz que no França-Portugal de Paris o juiz

EM Espanha, alguns comentadores ficaram de boca-aberta por virtude do A. de Bilbao, já por influência do treinador inglês, ter formado contra o A. de Madrid com três defesas na mesma linha (o médio-centro atrazado) e somente com dois médios mais ou menos na mesma linha.

Não achamos caso para tamanho espanto. O treinador inglês começou a aplicar o sistema WM. Ele lá sabe... E chegou a Espanha nas vésperas do encontro!

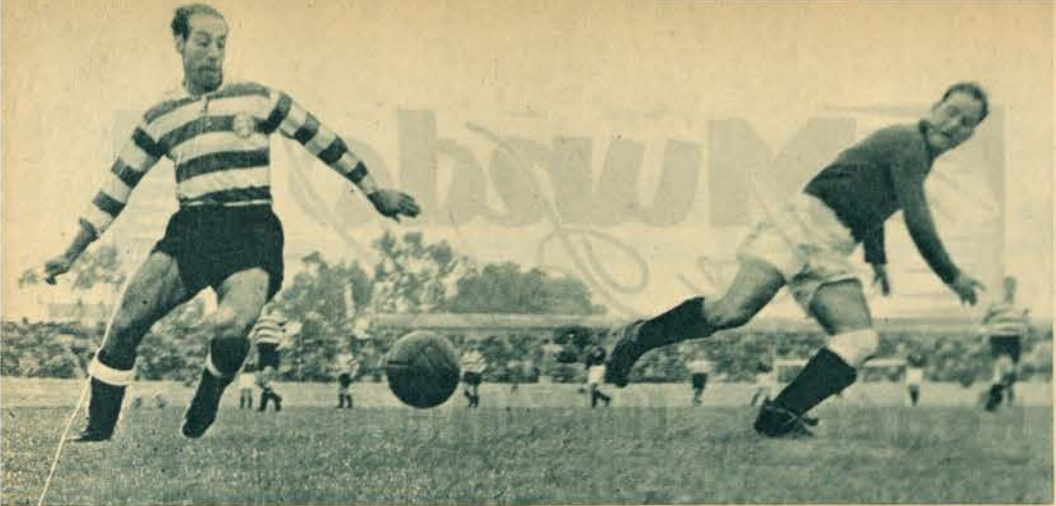
resultado chegar a 3-1, os espanhóis tiveram uma reacção magnífica, no gesto da tão decantada fúria, e a vitória espanhola é a expressão viva do seu esforço.

Mas os portugueses mostraram-se bons jogadores, e a sua actuação foi muito apreciada. O seu adversário, um grupo profissional de razoável categoria, alinhou reforçado.

Os resultados que, sistematicamente, estão a ser conquistados pelos grupos portugueses em luta contra espanhóis, dentro e fora de casa, parecem significar superioridade da nossa parte.

NO Calendário Internacional de futebol para a temporada de 1947-48, vindo de Genebra, vê-se a Espanha com um único desafio internacional, precisamente o Espanha-Portugal de Março. Nós aparecemos com os três desafios já indicados, ainda que o Portugal-Irlanda esteja marcado em data errada.

Parece-nos curioso que a Irlanda venha a Portugal e não jogue em Espanha!



Jesus Correia, no seu estilo peculiar, desenvolve com rapidez uma das suas jogadas e abala o adversário...



Sidónio, grande marcador, no momento do remate!



Carlos Cos'á ainda conseguirá salvar o golo, apesar de haver opiniões em contrário...



...E o guarda-redes do Oriental não teve tempo de evitar o golo!



Esta fotografia não mente! O guarda-redes do Oriental foi batido mais uma vez...



Veja-se a posição de Sidónio para conseguir o remate!

Fotos NUNES DE ALMEIDA

Sporting

Campeão
de Lisboa de 1947



Três jogadores, dois do Atlético e um do Benfica, aguardam a bola, mas o guarda-redes tem a vantagem de poder servir-se dos braços...

Fotos JORGE GARCIA



Um golo do Benfica. Espírito Santo, oportuno, fez o empate!

Ernesto ainda conseguiu defender, mas a carga de Amorim foi oportuna e enérgica



Duas fases do encontro de hóquei entre o Académico do Porto e o Óquei de Sintra, que este ganhou por 3-1



CAMPEONATO DE PORTUGAL DE OQUEI EM PATINS



Dois concorrentes à Prova de Regularidade disputada no passado domingo



Títlo Peretra, o vencedor da «Volta a Lisboa» na categoria de independentes



Fortunato Peretra, o ciclista que venceu na categoria de iniciados

Benfica

sobe
para
o 2.º lugar

ARCÁDIA

O DANCING
N.º 1
DA CAPITAL

Grande êxito do programa de atrações com o famoso cantor da actualidade

JORGE CARDOSO
com CHOVA y sus MUCHACHOS
HERMANAS APARÍCIO

Ballet Casanoves, Itamar,
Mary-Meli, Atlântida, Mabel
Valência e a

ORQUESTRA ARCÁDIA

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

IX — O salto em altura (Continuação)

A época seguinte, 1915, acusa já os resultados do descolabro do atletismo português, podendo mesmo dizer-se que apenas as provas de salto em altura e do lançamento do peso, pelo valor de alguns novos especialistas, marcam sentido progressivo.

As marcas obtidas nesse ano pelos saltadores em altura deram 23 anos como recordes nacionais; os irmãos Almeida, sob as cores listadas branco e vermelho do G. S. Cruz Quebrada, alcançaram, respectivamente: Pascoal, 1^m,82 com corrida e Pedro 1^m,47 sem corrida.

A prova dos saltos sem corrida não foi apenas notável pela proeza do vencedor, mas mais ainda pelo conjunto de resultados, pois António Martins transpuz 1^m,45 e Nobre Guedes 1^m,43.

O salto de Pascoal de Almeida, foi realizado em condições anormais e anti-regulamentares. No dia do campeonato, o vento soprava muito forte, prejudicando os participantes; em tais circunstâncias, Pascoal, primeiro classificado, não conseguiu ir além de 1^m,73, mas pediu ao júri que lhe fosse concedida uma tentativa especial no dia seguinte, ao que este acedeu, transpondo então 1^m,82.

Após dois anos de completa letargia, coube ao Sport Lisboa e Benfica a honra de despertar o atletismo português, organizando concursos anuais que, de 1918 a 1921, foram a manifestação única da nossa actividade atlética.

Estes concursos foram, na especialidade de que nos ocupamos, uma espécie de feudo da família Almeida que, até 1923, data da partida dos seus componentes para fora da Metrópole se asenhoreou de todas as primeiras classificações, distribuindo-as como segue:

1918 — Pascoal 1^m,75 e Pedro 1^m,40.

1920 — Pascoal 1^m,67 e Demóstenes 1^m,45.

1921 — Pedro 1^m,60 e 1^m,41.

O decréscimo progressivo dos resultados dos vencedores traduz eloquentemente o desinteresse na preparação por parte dos atletas, em consequência da ausência de competição, tanto mais que os factos posteriores vieram demonstrar tratar-se apenas de transitória perda de forma. Em 1922, surgindo adversários a lutar, as marcas melhoraram imediatamente, como vamos verificar.

No torneio do Benfica, Pascoal venceu com 1^m,73, seguido por Júlio Montalvão com 1^m,69 e Mário Montalvão (dois representantes de outra família predestinada) com 1^m,64; no salto sem corrida, Pascoal alcançou 1^m,41 e Júlio Montalvão 1^m,37.

No Campeonato Regional, primeira organização da recém fundada Federação Portuguesa de Sports Athleticos, Júlio ganhou o salto com corrida com 1^m,65 e Pascoal o salto sem corrida com 1^m,43; nos Nacionais, que se seguiram, os vencedores destes dois concursos foram Pascoal com 1^m,65 e Pedro com 1^m,40.

Também nesta temporada se disputaram ainda o campeonato escolar, ganho por Fernando Marrecas com 1^m,54; um torneio para juniores, da iniciativa do

S. L. B., no qual triunfou Mário Montalvão com 1^m,55; e umas provas no Jardim do Palácio de Cristal portuense, onde Armando Tschopp saltou 1^m,57.

O quadriénio que segue não merece demoradas referências, à parte alguns incidentes curiosos, que definem melhor a mentalidade da época do que o valor desportivo dos saltadores.

Em capítulo de estilo continuava-se ainda com exclusivismo no salto com golpe de tesoura vertical; os que assim não agiam, mantinham-se fiéis ao arcaico e imprudativo salto de frente, engrapado.

1923 foi um ano que valeu apenas pela presença de um único homem, Júlio Montalvão,

O clube portuense Nan'Alvares promoveu o seu primeiro concurso, com a participação do Sporting lisboeta e do Flávia, de Chaves. Foi um atleta deste último clube, Jacinto Setes, quem venceu no salto em altura, com 1^m,85 e um lisboeta, João Crespo que alcançou, com 1^m,56, o melhor resultado no salto sem balanço.

O pior ano de actividade foi o de 1924, que não merece mais do que sucinto resumo.

Jacinto Montalvão ganhou o campeonato escolar com 1^m,60; Armando Moura o campeonato do Norte com 1^m,525 e Vasco Sobral Dias e Jacinto Montalvão o de Lisboa com 1^m,60; Sobral Dias foi campeão nacional com

Como delegado da Federação estava presente um dirigente afecto aos «alvi-negros», infelizmente já desaparecido do número dos vivos.

No salto sem corrida, três concorrentes transpuzeram sem derrabe 1^m,375: Horácio Costa, do «Cif», Angelo de Mendonça e Fernando Elói, dos «leões».

Elevada a barra para 1^m,40, foi Mendonça o único a passar, derrubando os outros dois nos três tentativas. Estava, portanto, o assunto liquidado, havendo, quando muito, um desempate Honório-Elói para o segundo lugar.

Secedea então esta coisa fantástica: Honório reclamou mais três tentativas para os três primeiros e o júri acedeu, com o acordo do delegado federativo. Como o representante do Sporting protestasse contra semelhante atropelo às leis fundamentais, exigindo que lhe fosse lido o artigo do regulamento referente ao assunto, o representante do organismo máximo leu aquele que dizia respeito ao salto em comprimento afirmando ser o requerido e argumentando a existência de precedente na prova de saltos em extensão!

Como resultado desta absurda



Da esquerda para a direita — José Palhares Costa, num ensaio precursor do actual rolamento. Luís Aguiar, o primeiro português que saltou mais alto do que a sua estatura



sucessor de Pascoal que mudara residência para Angola.

O saltador do Internacional venceu todos os concursos de altura em que participou, tanto com, como sem corrida; os seus resultados foram os seguintes: regionais, 1^m,685, sem competidores e 1^m,37; nacionais, 1^m,70 e 1^m,40, torneio do Benfica, 1^m,60 e 1^m,41.

Disputaram-se também: campeonato escolar, onde quatro rapazes do Colégio Militar, Lopes Franco, Caloia, Frazão e Armando Sampaio, saltando de frente, transpuzeram 1^m,50; o concurso para juniores, organizado pelo S. L. B., no qual Lopes Franco e Jacinto Montalvão, com a camisola do Sporting, saltaram de frente 1^m,60.

Neste torneio, doze saltadores passaram 1^m,50 e nove 1^m,53, todos, excepto dois, saltando de frente.

a mesma marca e ganhou o torneio do Benfica com 1^m,57. No concurso Nan'Alvares, o sportinguista Jacinto Montalvão conseguiu a melhor marca do ano, 1^m,62.

Vasco Sobral Dias, que representou o Internacional, tem o merecimento de haver sido o primeiro português que estudou e se serviu do estilo de viragem interna com golpe de tesoura horizontal.

Os saltadores em altura não melhoraram em 1925. Merece relato apenas o mais extraordinário incidente a que tenho assistido num torneio de atletismo; o caso passou-se no concurso do Nan'Alvares e na prova dos saltos em altura sem corrida.

O Internacional e o Sporting, no mais acceso da sua rivalidade, haviam deslocado ao Porto as melhores equipas. Tratava-se de ganhar taças.

decisão, passou o primeiro lugar para Honório Costa com 1^m,43, ficando o autêntico vencedor, Angelo Mendonça, classificado segundo com 1^m,425.

A prova do salto com corrida, no mesmo concurso, foi vencida por Apio de Almeida, com 1^m,65.

Restantes resultados: campeão do Norte, António Jorge Dias, 1^m,60; campeão de Lisboa, Jacinto Montalvão, 1^m,60; campeões escolares, Armando Sampaio, Baptista e Amândio Rodrigues, 1^m,60; torneio do Académico, no Porto, Mário Duarte, com 1^m,525.

Finalmente, no 1.º Espanhol-Portugal, em Madrid, o espanhol Irigoyen venceu com 1^m,75, ficando nos postos imediatos Pascoal de Almeida, que reapareceu, com 1^m,70 e Apio de Almeida com 1^m,69.

Salazar Correia

(Continua)

NOTA DA SEMANA

A Federação Italiana de Futebol festejará com grande e justificada pompa, no próximo mês de Maio, o semi-centenário da sua fundação, aproveitando para tal efeito a data do match entre as equipas representativas da Itália e da Inglaterra.

O Estádio de Turim, local onde se celebra o encontro, anunciado já como o mais importante da história do calcio transalpino, entrou em preparação e será ampliado de modo a conter cerca de noventa mil espectadores. Simultaneamente, o veterano e experimentado «Comendador» Victor Pozzo, suprema autoridade em questões pedebolísticas, traçou um programa árduo, no sentido de preparar com tempo e aplicação o team nacional que enfrenta (amigavelmente, é claro...) os mestres do jogo da bola na data do jubiléu.

Fazem parte do referido programa dois desafios: em Dezembro próximo, contra a Checoslováquia e em Abril contra a França. Enquadrada nos mesmos moldes, figura a preparação rigorosa da equipa de amadores que vai representar a Itália nos próximos Jogos Olímpicos de Londres, defendendo o título adquirido em Berlim, no ano de 1936.

A Inglaterra por seu turno, responderá aos bons desejos da Federação Italiana pedindo-lhe um árbitro qualificado, para dirigir o próximo desafio entre o seu país e a Escócia—honra excepcional, que só teve um precedente em Abril de 1947, quando a França foi convidada para o mesmo efeito.

Julga-se que seja nomeado, o Signor Galeati e, sendo assim, em Abril próximo as duas equipas alinharão no Hampden Park de Glasgow sob a autoridade de um juiz italiano.

Todas estas manifestações de cortesia supracitadas, que não podem deixar de nos produzir satisfação, constituem, a nosso ver, um êxito diplomático de certa retumbância e significado.

A Itália e a Inglaterra, inimigos ainda há pouco tempo, procuram entender-se e cooperar estreitamente. Esquecidos os agravos, foi ao desporto e, mais propriamente, ao futebol, que os dois povos lançaram mão para confraternizar, sem quebra de dignidade que os deminuisse aos olhos de todos.

Belo exemplo de argúcia diplomática e, também (por que escondê-lo?) bela vitória do futebol como factor preponderante nas relações entre povos.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL, em Inglaterra

A importância das deslocações, que levam os clubes a jogar fora de casa, esteve em foco no último sábado. Dos cinquenta *teams* visitantes—número onde se incluem os das três divisões da Liga Inglesa e da divisão A da Liga Escocesa—sómente houve sete que conseguiram ganhar no terreno dos adversários.

Cinco desses resultados podem considerar-se verdadeiras surpresas. A primeira, sucedeu no campo do Bristol City, até agora invencível «em casa», e que perdeu com o Watford (2-1), clube da cauda da 3.ª Divisão da zona Sul; a segunda, produziu-se com West Bromwich, vencido pelo West Ham (2-1) em circunstâncias similares, graças a dois belos tiros executados em nove minutos, pelo ex-piloto-aviador Kenneth Wright; a terceira, o triunfo do Chesterfield sobre Barnsley (3-0), quando ainda não obteve um empate, sequer, no seu terreno e já reuniu dez pontos em 13 desafios! A quarta e a quinta ocorreram na zona Norte da 3.ª Divisão: os dois primeiros clubes, Hull e Lincoln, foram batidos pelo Darlington e Oldham, que seguem na cauda e passam a ocupar os quarto e quinto pontos.

O Arsenal, invencível, conseguiu empatar com Everton, no seu campo. Foi Sagar, guarda-redes dos visitantes, o herói da jornada, defendendo chutes que qualquer outro teria deixado passar.

O Bolton ganhou ao Blackpool (1-0) e o Charlton, só com o concurso efectivo de nove jogadores durante a maior parte do tempo, bateu o Chelsea (3-1).

Preston North End continua ocupando o segundo posto, a um ponto do Arsenal, visto que empatou com o Sunderland (2-2).

Atrás vem o Blackpool, seguido do Burnley, que empatou também, com o *team* adversário, o Manchester City (1-1), e dos Wolves, a quem sucedeu outrotanto com o Sheffield United.

Na Segunda Divisão as posições mantêm-se as mesmas. À frente, seguem o West Bromwich Albion, o Birmingham, Newcastle United e Cardiff City, todos a um ponto de intervalo e com igual número de jogos.

Na 3.ª Divisão, zona Norte, vão a par com 19 pontos, o Wrexham, Rotherham e Accrington. A luta é cerrada e nela intervêm Hull e Lincoln, com um ponto a menos.

Na mesma divisão, zona Sul, o Queens Park Rangers leva 4 pontos de vantagem ao Bristol City, Walsall e Ipswich, todos com 20 pontos.

Como a procissão vai na praça e até fins de Maio ainda haverá muitos chutes, nenhum clube se encontra seguro nas posições que ocupa.

RUGBY

EM INGLATERRA

Com o habitual e clássico entusiasmo de outras eras, prosseguem os desafios entre os clubes da União de Rugby. A Universidade de Oxford triunfou facilmente, por 21-0, sobre o Old Merchant Taylors, num desafio em que os alfaíates jogaram à defesa até ao fim.

Cambridge infligiu o primeiro desaire ao afamado «quinze» Harlequins, por 11 pontos a 8, depois de um desafio muito nivelado, durante o qual os universitários tiveram momentos de apatia e desentendimento.

Cardiff esmagou Swansea por 32 a 3 e os australianos (Wallabies) não tiveram dificuldades grossas com uma selecção dos condados de Cumberland e York, à qual derrotaram por 25-0.

O desafio internacional entre o Gales e a Nova Zelândia terminou com a vitória desta última, por 28 pontos a 20 e foi bastante equilibrado.

ATLETISMO

Os Campeonatos Universitários Espanhóis

Realizou-se em Madrid com grande concorrência, o 7.º Campeonato do Sindicato Espanhol Universitário. A maioria dos resultados obtidos são francamente bons. Por exemplo: Molezún venceu os 110 metros-barreiras em 16,2 s.; Serrano saltou 1^m, 80 em altura; Ruano correu 200 metros em 23,2 s.; Rubio, os 400 metros (barreiras) em 56,1 s.; Leirana a mesma distância sem obstáculos, em 51,2 s.; Vallhonrat pulou 7,07 metros em comprimento e Apellaniz arrojou o dardo a 60,16 metros, batendo o recorde de Espanha.

Na verdade, excelentes resultados.

CICLISMO

A Volta à Lombardia

Disputou-se esta importante prova ciclista que foi ganha (como não o seria!) pelo fenómeno Fausto Coppi à média de 35.270 km.

Em segundo lugar classificou-se Gino Bartali.

BOXE

Monaghan sucessor de Paterson

O irlandês Rinty Monaghan sucedeu ao escocês Jackie Paterson como campeão do Mundo dos «mínimos», incapaz de fazer o peso da categoria e destituído pela Federação Inglesa, recentemente.

Monaghan derrotou por pontos o havaiano Dado Marino, pretendente ao título como ele, depois de um combate em 15 assaltos. A luta careceu de rasgos notáveis.

Na mesma sessão, Paterson, que possui os campeonatos da Inglaterra e do Império da categoria «levísimos» ganhou ao desafiante oficial Norman Lewis, por *knockout* ao 5.º assalto.

As actividades de Peiró

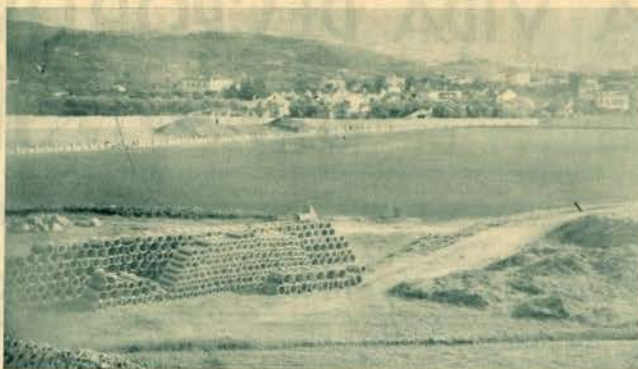
O pugilista catalão Francisco Peiró, que o público lisboeta viu combater com Beni Levi, continua a portar-se bem pelos ringues franceses, belgas e ingleses. Depois de perder, em Bruxelas, com Kid Dussart, um dos melhores «pesos-leves» europeus cujo triunfo por pontos foi muito escasso, apresentou-se em Liverpool. Oposto a Bert Hornsby, aspirante ao título dos «leves», Peiró resistiu excelentemente e concluiu o combate a pouca distância do seu adversário, que obteve a decisão.

Peiró, regenerado dos seus velhos hábitos de pândego, pesa actualmente 63 quilos.

Schmelling contra Ten Hoff

Ten Hoff, campeão da Alemanha de todas as categorias, vai preparar-se para combater com Schmelling, antes do fim do ano. A sua última vitória, conseguida sobre o veterano Walter Neusel ao 7.º round, prova a eficiência dos seus punhos, donde se deduz que Schmelling não tenha deante de si uma tarefa fácil.

Em COIMBRA começa a surgir um ESTÁDIO



dade. Exposição ideal, norte-sul, abrigada dos ventos das serras circundantes.

O ante-projecto é do arquiteto Trava-sos Valdés e o projecto, da Reparação de Obras da Camara Municipal de Coimbra, cujo engenheiro-chefe sr. Costa Maia, e os seus auxiliares srs. eng. Boaventura Tavares agente técnico de engenharia Alfredo Ferreira Rebocho e Sílvia Varandas, têm manifestado especial interesse e dedicação pela execução de tão importante, como notável melhoramento, de um alcance e duma projecção que se reflecte no próprio desenvolvimento da cidade.

Será curiosa a revelação de alguns aspectos e números da construção do estádio. O taboleiro de relva do campo do futebol medirá 110x73 metros. A pista de atletismo, sete metros e vinte, de sorte a corresponder um metro e vinte centímetros a cada pista. Cada um dos recintos, para saltos e lançamentos, entre os topos do campo e as semi-ovais do peão, ficará com 1.400 metros quadrados. A piscina, com 33,33 x 17,60 — as dimensões olímpicas, portanto, e na sua maior profundidade um poço de dez metros de largura por três de alto. Entre a piscina e o campo de futebol, um «rink» de patinagem, e entre os campos de basquetebol e voleibol e o de futebol, os «courts» de ténis.

O peão, em amplo declive empedrado, terá capacidade para 25.000 espectadores, dispondo a bancada central, com truída e coberta de cimento armado, de 2.500 a 3.000 lugares.

Resta dizer que os balneários já edificados serão privativos das modalidades atléticas. Os destinados ao futebol ocuparão todo o espaço que fica sob a bancada.

Os trabalhos de terraplanagem foram iniciados em 9 de outubro de 1946.

No próximo ano o Estádio estará concluído.

O sonho, o veemente sonho da mocidade desportiva coimbrã será, então, uma grande e deslumbradora realidade!

ADRIANO PEIXOTO

SE o futebol português necessita cada vez de mais e melhores jogadores; de mais e melhores equipas; de mais e melhores treinadores, precisa evidentemente, de mais e melhores campos. De campos redivos, sobretudo.

O campo redivo é não só um índice de civilização do jogo, como um precioso estimulante do seu progresso.

Nele o jogador não tem receio da queda, que humanissimamente e apavora nos campos de terra dura, nem sofre tão pouco os desgastes musculares a que estes o sujeitam.

Ao cabo de vinte e cinco anos de prática oficial — a A. F. C. completou em Outubro passado as suas Bodas de Prata — o futebol coimbricense vai contar com o seu primeiro campo redivo!

Tardou, mas chegou o dia!

Na realidade o campo está a ser construído no velho burgo universitário, integrado no património do seu magnífico Estádio Municipal — obra que Coimbra fica a dever ao Ministro, sr. e.g. Frederico Ulrich, e aos bons esforços do sr. dr. Alberto Sá de Oliveira, presidente do Município, é admirável de técnica e de harmonia, dentro do ambiente de um parque desportivo que, correspondendo plenamente à capacidade do centro que serve, e se casa maravilhosamente com a paisagem, em pleno coração do mais alegre bairro coimbrão, mixto de arrabalde e cidade nova.

Em síntese, o Estádio é isto: um campo de futebol, uma pista de atletismo a envolvê-lo, da qual o ciclismo também aproveitará, recintos para a prática de todas as outras modalidades do atletismo, campos de basquetebol e voleibol — e uma piscina, a tal piscina definitiva que a fulgurante natação coimbricense há tanto também necessitava, e dois «courts» de ténis.

Localização ideal, na extensa baixa do Calhabé, dominada por esse mirante famoso em toda a parte: o Penedo da Sau-

Manuel dos Santos a caminho do México

PARA o México seguem esta semana em avião o matador de touros Carlos Arroz, que a Alcochete veio tomar parte num festival em homenagem ao cabo de forcados Artur Garret, e o matador de novillos Manuel dos Santos que das mãos daquele vai receber alternativa na Praça «del Torero» da capital daquela República.

A circunstância de ser o famoso Carlos Arroz quem lhe dá alternativa na sua terra, e a de serem os touros da afamada ganadaria de La Punta, dão à apresentação de Manuel dos Santos no México foros de acontecimento. Que ele seja favorável ao nosso compatriota são os nossos desejos e os de todos os «aficionados» portugueses.

Discípulo de Patrício Cecilio, da Golegã, que foi dos nossos melhores amadores e grande especialista com a capa, Manuel dos Santos acusa também a especialização, e é bandarilheiro fácil e vicioso, por ambos os lados. Com a «muleta» começou há an a revelando faculdades que pareciam astacionar e a que veio dar novo período florescente a aparição de Diamantino Vizeu, cujo estímulo não devemos esquecer.

Encetaram ambos uma competição a que chamaremos doméstica e que teve foros de penitular quando Manuel dos Santos obteve o grande êxito de Badajoz e seis seguidos na monumental de Barcelona.

Se de alguma maneira podemos filiar Diamantino Vizeu na escola cordovêsa de

«Manolete», pela valentia e seriedade, a Manuel dos Santos devemos situá-lo na escola sevillhana dos Pepe Vazquez, pela graça e alegria. Qual agrada mais no México?

Difícil é fazer previsões, mas julgamos que o feito sério do primeiro poderá ser aceite pelos mexicanos se ele na sua primeira tarde encontre touros em que o possa impor. De contrário, lutará com mais dificuldades que o segundo, cujo ar alegre parece ser mais do agado daquele público que tanto gostou de «El Gallo», de «Chicuelo», de «Cagancho» e dos dois referidos Pepe Vazquez.

Mas, dir-se-á, «Manolete» é ainda hoje um ídolo para os mexicanos, e os touros do seu corte, ainda que a grande distância, devem encontrar ali ainda vivo o gosto pelo toureiro sério. Seja como for, vão apresentar-se no México dois toureiros portugueses de personalidades definidas, ainda que contrárias. Havendo ali duas correntes, ambos podem agradar, e esses são os nossos desejos.

A aparição de «diestros» portugueses, e conflito taumático hispano-mexicano, tornaram possível os vantajosos contratos de Diamantino Vizeu e de Manuel dos Santos.

Que ambos aproveitem a sorte, que tenham muita sorte!

Simão da Viga e António Correia, que ali volta, agora como peão de Manuel dos Santos, fizeram já duas vezes o caminho do México, que também já foi

trilhado por António Luia Lopes e por Augusto Gomes. Que se intensifique a ida de toureiros portugueses ao México estabelecendo-se assim o bom intercâmbio. E, se assim for, nunca a hipótese dum conflito, à maneira do hispano-mexicano, toldeará o claro horizonte das nossas relações taumáticas com a Pátria de Gaona e Armilla, de Garza e Silverio Perez, e do infeliz «Carnicerito», a vítima deste ano numa praça portuguesa.

ROGERIO PÉREZ



Esta é a «Arrusina» à qual Manuel dos Santos imprime tal personalidade que em Barcelona chamam à sorte, executada por ele, a «Santiana». E assim começa o novillheiro português a ter o seu nome ligado a uma sorte do toureio.



E assim deu «aroles» em Barcelona, onde souou seis novilladas nesta temporada, sério quase inédito que lhe garante a adesão do público da Monumental Cecilio quando ali voltar já matador de touros, após a alternativa que lhe vai ser dada no México.



Quem, como Manuel dos Santos, assim dá a «parte-natural», base e sacência do toureio com a «muleta», com a figura erguida e os pés bem plantados e abarrados à arena, pode ambicionar um alto posto no toureio contemporâneo.

HÁ por esse Portugal fora muitos grapos que praticam o futebol, começando nos centros maiores para acabar na mais modesta vila ou aldeia.

Fafe, uma vila laboriosa do distrito de Braga vem sendo, nesta particularidade, representada desde 1931 pelo Sporting local — Sporting Clube de Fafe — que meio dúzia de animosos desportistas osaram criar a bem da terra. E não há dúvida alguma que, como na teoria, «os homens se não medem aos palmos», também a prática do futebol e o seu consequente aperfeiçoamento não podem ser imaginados ou compreendidos pela extensão da localidade deste ou daquele clube, pelo número de habitantes desta ou daquela cidade, ou, ainda, pelas disponibilidades financeiras daqueles que praticam o «desporto pelo desporto». A vila fafense, sendo pequena, não das mais populosas e onde o dinheiro não chega para desperdícios, serve-nos como exemplo e pode fortalecer a nossa afir-

SPORTING CLUBE DE FAFE

é um baluarte do futebol no Minho

No grupo de honra jogam seis irmãos da família Barros!

desportivos, quer estes sejam de carácter regional, quer de linha lidade nacional. Ousamos mesmo afirmar que se na Província do Minho houvesse necessidade de formar um conjunto dos «Quatro Grandes» seria, sem dúvida, o grapo de Fafe que teria jaz a

1958/59 e Campeões de Série (Campeonato Nacional da 2.ª Divisão) nos épocas de 1944/45 e 1946/47. Devido aos nossos azares profissionais só treinamos uma vez por semana e mesmo assim quase todo o tempo de treino é aplicado na preparação física. O resto aparece por intuição... e só nos desfilos...

— Como vê a presente temporada?

— Com a nova organização fomos injustamente atirados para a 3.ª Divisão Nacional (?)... O facto provoca uma onda de desânimo em todos nós, tendo mesmo pensado em abandonar o futebol. Não nos desprestigia, é certo, o lugar que nos foi atribuído, mas isso não passa dama injustiça flagrante... Aprecie a tabela dos últimos Campeonatos Nacionais da 2.ª Divisão e ela será mais explícita do que eu poderia sê-lo. Mas, creio, tudo passa e como possatempo qualquer coisa nos serve...

— Qual o facto que mais o impressiona na sua carreira desportiva?

— A viagem a África (Angola, Moçambique e Colónias Inglesas) com a Associação Académica assinala, sob todos os pontos de vista, os melhores momentos da minha vida desportiva. Descrevê-los seria quase impossível.

— Quantos irmãos tem a jogar futebol?

— Presentemente estamos sete irmãos em franca actividade. Seis no Sporting de Fafe e um, que se encontra a estudar em Braga, joga no Clube Campeão

Nacional da 2.ª Divisão. Meu irmão Albino também joga há alguns anos. Quando estavava em França vestia a camisola do F. C. de Moulhouse. Depois de se ter formado abandonou. Os que jogam actualmente são: Zeza, Nelo, Tino, Armando, Fernando, Mário e José Manuel (Nelinho).

E a entrevista estava no lim. Nelo despedia-se com a cordialidade dum verdadeiro desportista. O valor do Sporting de Fafe e o «porquê» do seu jogo alegre está claramente traduzido nas palavras do jogador fafense. Seis irmãos num «onze» de futebol justilicam bem a união e entendimento que sempre verificamos no grapo, sendo a razão forte, mesmo absoluta, de todos os seus êxitos. Se um dia alguém se lembrasse de estabelecer um prémio para as famílias numerosas no desporto a família «Barros» — talvez o caso n.º 1 do futebol nacional — seria indiscutivelmente a detentora dos louros. Fazer desporto pelo desporto é, sem dúvida, nos tempos que correm, coisa pouco vulgar nos nossos campos de bola. Por isso mesmo não é grato citar aqui alguns clubes do Minho que vivem exclusivamente para que nam corpo são seja uma alma só. O Sporting de Fafe é um desses «casos» que honram, não só a sua terra mas também a sua região. E se quisermos ir um bocadinho mais longe, poderemos até afirmar que honra o futebol nacional.

Benigno Cruz



O «onze» do Sporting Clube de Fafe

mação. O Sporting de Fafe é um dos clubes da A. F. de Braga que, sem grandes espaventos, vem mantendo, época após época, am futebol muito igual, sem altas ou baixas. O seu futebol, talvez de pouca escola, é intuitivo, prático e realizador. O «onze» joga com nervos e entusiasmo inextinguíveis, tendo conseguido nos 16 anos de existência do clube ocupar lugares de honra

jantar-se ao Vitória de Guimarães, Sporting de Braga e F. C. de Famalicão.

Um dos factos mais interessantes da vida do Sporting de Fafe é o número de jogadores da sua só família que têm feito parte do seu «onze» de honra. Dez briosos atletas pertencentes à família «Barros» têm sido desde longos anos o estelo seguro do popular clube. Oito irmãos e mais dois primos, envergaram já a camisola «rubra» dos fafenses. O acontecimento, talvez inédito no futebol nacional, espaventa a nossa curiosidade pelo que procuramos ouvir am daqueles jogadores. Nelo, ex-jogador da Associação Académica e do Benfica foi o escolhido. A sua popularidade justilicava a escolha e isso não desgostou os seus irmãos, antes pelo contrário.

Quando lhe «disperamos» a primeira pergunta, disse solícito:

— Estou ao seu dispor e é com muito gosto que lhe falo do meu clube. Somos um grapo de amadores, onde nunca ninguém recebe um centavo, mesmo como prémio de conquista de qualquer título. E note que já fomos Campeões Regionais na época de



Esta fotografia mostre-nos os 7 irmãos «Barros» que jogam futebol e estão em actividade

Ano V — II Série — N.º 257
Lisboa, 2 de Novembro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 2.º
Telefone, 45903 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

Comentários

O massacre dos inocentes

É com esta designação que a imprensa desportiva francesa designa as severas medidas de economia orçamental que atingem a organização oficial relativa à educação física e ao desporto, em consequência das recentes reformas governamentais de salvação pública.

Segundo consta desaparecerão as três direcções (Direcção dos Desportos, da Educação Física Escolar e da Mocidade) que formavam a Direcção Geral de Educação Física e Desportos, as quais serão substituídas dentro do organismo máximo por três simples repartições.

A mais grave restrição, a que mais preocupa a opinião pública desportiva que a considera de irreparáveis e desastrosos efeitos é o anunciado corte de 20 a 40% no efectivo de professores e monitores de educação física colocados nos colégios, estabelecimentos de ensino técnico e escolas normais.

A aplicação desta medida atingiria, em números redondos, 1.500 professores e monitores, obrigando à revisão dos horários estabelecidos e que comportavam cinco horas de trabalho semanal para os alunos, além da tarde destinada aos exercícios ao ar livre.

A crítica considera semelhantes determinações correspondentes à aniquilação de toda a obra realizada em muitos anos de estudo e progressivo desenvolvimento.

Por outro lado, as federações e os clubes, anualmente beneficiados com importantes subvenções no orçamento da Direcção Geral, encaram preocupados o

futuro, pois nada podem esperar em matéria de auxílio ante semelhante perspectiva.

A gravidade da situação obriga toda a França a acceitar pesados sacrifícios; mas serão todos os sacrifícios de impôr com certeza de proveito? Não haverá sacrifícios, como este, que mais agravam para o futuro o mal existente?

Tais são as perguntas formuladas ao presente pela imprensa desportiva do país.

A sã doutrina

Uns após outros, todos os nossos grandes clubes desportivos vão pondo em actividade nas instalações respectivas, classes de ginástica para os seus associados, a par daquelas, reservadas aos desportistas praticantes, que a lei lhes impõe.

Quem encarar sem ideia preconcebida e com a necessária largueza de vistas o problema da missão social a desempenhar pelas colectividades desportivas, não poderá escapar-se a sentimento de satisfação vendo posta em prática a mais sã doutrina.

Prova-se, por outro lado, o considerável benefício que os clubes auferem da instalação condigna de sedes sociais, que em vez de luxo consumido se afirmam por este modo eficiente elemento educativo para a população associativa.

O Belenenses, o Benfica, o Estoril, para citar apenas os nomes que andam ao de cima nos comentários da bola, mantêm já nos seus ginásios classes para crianças, adultos e senhoras; para que a lista seja completa esperamos ver em breve anunciada idêntica actividade no Atlético e no Oriental.

da mocidade não se repercutisse no nível dos Jogos, e no nível de todas as grandes competições internacionais.

— Haverá, além dos Jogos, outros confrontos entre nações?

— Julgo que sim; o Grande Prémio de Mégève, descida, salto, «slalom», a 10, 11 e 12 de Janeiro; a estafeta internacional de Rousset e a Taça Montéfiore, nas mesmas datas. O Kandahar, a maior corrida europeia, em Chamonix, a 7 e 8 de Março.

«Mas isso é outra coisa, de que falaremos noutro dia». — P. L.

As melhores marcas portuguesas

Corrida de 800 metros:

1 m. 57,7 s.: Francisco Bastos (Sp.) em 15-9-46; 1 m. 59,4 s.: José Vicente (Sp.) em 15-9-45; 1 m. 59,8 s.: António Calado (Alm.) em 31-7-38; 2 m. 1,3 s.: Dom. Canhão (Sp.) em 6-9-45; 2 m. 1,8 s.: João Jacinto (Sp.) em 28-7-46; 2 m. 2,1 s.: João Ferraria (Ac.) em 25-7-37; 2 m. 2,3 s.: Sampaio Peixoto (Ac.) em 26-8-44; e Humberto Bastos (Sp.) em 13-7-46. 2 m. 3 s.: Alfredo Silveira (Inf.) em 9-8-30; 2 m. 3,2 s.: Arnaldo de Sousa (Sport-Porto), no mesmo dia.

Corrida de 1.000 metros:

2 m. 37,7 s.: F. Bastos (Sp.) em 26-8-45; 2 m. 40,6 s.: João Ferraria (Ac.) em 2-10-37 e José

Vicente (Sp.) em 23-9-45; 2 m. 41 s.: António Calado (Sp.) em 6-7-41 e Pires de Almeida (Bf.) em 23-9-45; 2 m. 41,1 s.: Manuel Nogueira (Bel.) em 8-8-37; 2 m. 41,2 s.: Joaquim Branco (Bel.) em 10-8-47; 2 m. 41,5 s.: Jorge Azevedo (Sp.) em 23-8-42; 2 m. 41,7 s.: Aníbal Rodrigues (Sp.) em 8-8-37 e 2 m. 42,8 s.: E. Alves da Silva (Sp.), 15-6-47.

Corrida de 1.500 metros:

4 m. 9,2 s.: F. Bastos (Sp.) em 27-7-46; 4 m. 10,9 s.: J. Branco (Bel.) em 7-9-47; 4 m. 12,4 s.: M. Nogueira (Bel.) em 18-7-37 e Umberto Bastos (Sp.) em 27-7-46; 4 m. 13,6 s.: Pires de Almeida (Bf.) em 26-7-42; 4 m. 14 s.: Malos Henriques (Bel.) em 22-8-36; 4 m. 14,2 s.: Manuel Dias (Bf.) em 2-7-32; 4 m. 16,6 s.: António de Almeida (V. J.) em 17-7-27; 4 m. 18,2 s.: Castelo Branco (Sp.) em 7-9-37 e 4 m. 18,7 s.: Jorge Azevedo (Sp.) em 8-7-42.

Corrida de 200 metros:

5 m. 47,6 s.: F. Bastos (Sp.) em 22-7-45; 5 m. 49,6 s.: Pires de Almeida (Bf.) em 4-8-42; 5 m. 6 s.: Manuel Dias (Sp.) em 26-7-30; 5 m. 56,6 s.: Afonso Marques (Sp.) em 11-7-45; 6 m. 1,6 s.: M. Nogueira (Bel.) em 31-5-36; 6 m. 1,8 s.: Américo Guedelhas (Bf.) em 8-6-47; 6 m. 5 s.: J. A. Araújo (Bf.) em 6-9-45; 6 m. 5,2 s.: Fernando Soares (Cuf.) em 5-7-38; 6 m. 6 s.: Alvaro Conde e João Conde (Sp.) em 8-6-47; 6 m. 9,9 s.: E. Alves da Silva (Sp.) em 26-5-46.

Os componentes da equipa de esqui de França

(Continuação da página 6)

melhor forma. Citemos ainda Micheline Desmazières, de Mégève, e Fernande Bayetto, de Saint-Gervais, esquiadoras confirmadas. Mas aqui também, as novas podem revelar-se...

— Que pensa destes Jogos de 1948, ressuscitados depois de 12 anos de interrupção?

— Julgo que o seu êxito excederá muito o que se viu antes da guerra. O esqui, por toda a parte, nos cinco continentes, conquistou milhões de novos adeptos. Seria para admirar que um tal engodo

PATINS INGLESES

os mais populares

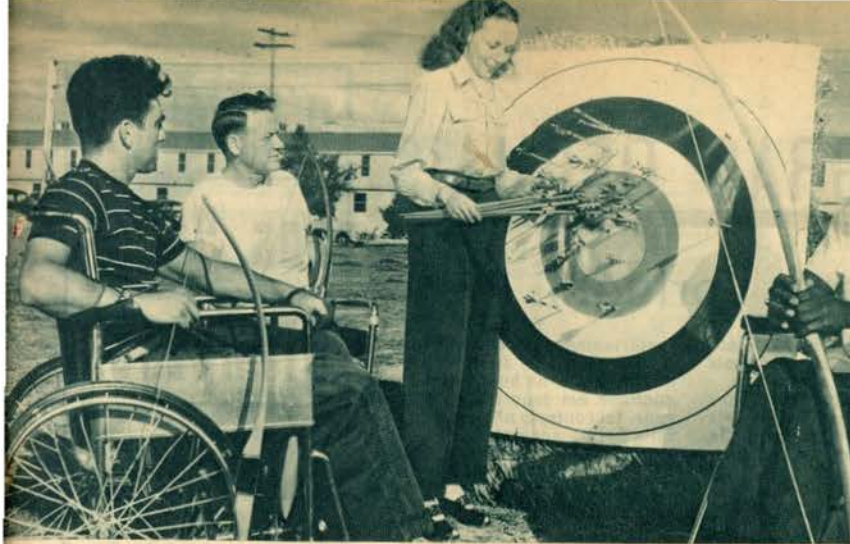
E ACESSÓRIOS

PARA BICICLETAS

Representantes

F. H. D'OLIVEIRA & C. A. L. DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208



O tráfego não está paralisado, embora pareça. As cadeirinhas, manobradas com pericia e agilidade, permitem a estes paraplégicos jogarem o volley-ball, cumprindo os preceitos do regulamento.



Esta gentil enfermeira, sua assinala com uma bandeirola a cova n.º 6 do terreno de golfe de Birmingham, faz de caddy do jogador Bob Collap, um dos melhores golfistas inválidos da Califórnia. Aqui o vemos, no acto de introduzir a bolinha dentro da cavidade, serenamente.

O DESPORTO na recuperação dos INVALIDOS de GUERRA

UM HOSPITAL DA CALIFÓRNIA UTILIZA OS EXERCÍCIOS DESPORTIVOS COMO FACTOR CURATIVO, MORAL E FISIOLÓGICO

A última guerra trouxe à Humanidade, juntamente com o seu grande cortejo de horrores, vários problemas sociais urgentes.

O dos sinistrados e inválidos, por exemplo, pertence a esse número, quer sob o ponto de vista moral quer sob o aspecto económico.

Todos os países ex-belligerantes se esforçam por conseguir a reeducação dos indivíduos paraplégicos, convencendo-os de que podem tornar-se úteis e ombrear com os demais cidadãos.

Muitos já descobriram a chama de uma consoladora

filosofia: admirai-os, distingui-os e animai-os discretamente, mas não os lamentéis!

Acima de tudo estão certos de conseguir reabilitar-se, ocupando na sociedade posições proeminentes.

Tais homens, de uma valentia a toda a prova nos campos de batalha, revelam a mesma dose de coragem ao enfrentarem o seu destino.

Os desportos trouxeram-lhes um auxílio inesperado, participando no programa curativo da sua invalidez e distraíndo-os de pensamentos lúgubres.

Foi o Hospital dos Veteranos de Birmingham, em Van Nuys (Califórnia), o primeiro estabelecimento de repouso que introduziu, em larga escala, os exercícios desportivos como tratamento físico e moral dos inválidos.

Alguns pacientes obtiveram aprovação em exames para condutores de automóveis; outros constituíram um clube de aviação, onde aprendem a pilotar aparelhos, adaptados convenientemente com comandos manuais em vez dos clássicos foot controls.

O golpe, o volley-ball, o badminton, a natação, a laranja, o tiro ao arco, etc., têm cada vez mais adeptos e entusiastas. Juntamente com semelhantes passatempos dedicam-se a várias actividades, tais como a fotografia, a reparação de receptores de T. S. F. e de relógios, cerâmica, desenho, pintura, etc.

Os mais aptos, com vózes largas e ambições, frequentam as aulas da Universidade de Califórnia e esperam num futuro próximo conseguir reconquistar uma posição inteiramente livre e independente.



Ninguém dirá que tais homens são uns infelizes inválidos, antes que se trata de nova modalidade do basquetebol. Num desafio realizado entre os melhores jogadores hospitalizados e um team de rapazes esportivos e sãos, para o caso, jogando também de cadeirinha — os doentes saíram vitoriosos.

Sim, senhores! Boas pontarias! Ou não se tratasse de soldados do Exército Americano, cujos leitos em campanha trouxeram a vitória à bandeira do seu país. A moche, crivada de setas, diz-nos com eloquência sobre as possibilidades dos atiradores.

A «laranginha» em ponto grande constitui outro passatempo reeducativo de muita importância. Leo Ladouceur acaba de atirar a bola, num gesto amplo e cheio de ritmo, sob o olhar atento do seu parceiro, Antonio Diaz e da linda enfermeira Leonor England, encarregada de anotar a pontuação.

AS NOVAS REGRAS OFICIAIS

adaptadas em Portugal

COMPLETAMOS hoje a breve apreciação às novas disposições regulamentares do voleibol, iniciadas no passado número desta Revista.

Na regra 8.^a, «Campo e Serviço», não se notam alterações fundamentais; nova e mais explícita redacção. Chamemos a atenção para o artigo 6.^o desta Regra, que diz: «Uma vez efectuada a rotação, a posição dos jogadores fica fixada desde o momento em que a bola é servida. É proibida a permuta de posição deliberada entre um avançado e um defensor; os jogadores podem, contudo, deslocar-se livremente em todo o campo, após a execução do serviço. É, porém, formalmente proibido aos defensores tomarem deliberadamente posição junto das redes para rematar ou interferir no bloqueio, a fim de impedir a utilização sistemática de um bom atacante que monopolizaria o jogo, e encorajar o jogo de equipa. Esta regra não deve ser interpretada como impeditiva da possibilidade do defensor apanhar a bola fora da sua zona. Pode, com efeito, se por excepção se encontrar na zona adiantada, executar o passe ou enviar directamente a bola para o campo adversário, na condição de o não fazer em remate».

As disposições da Regra 9.^a «Manejo da bola durante o jogo», não apresentam novidade.

FERNANDO SOEIRO

(Continuação da pág. 5)

rijo para te «aguentares», sozinho, como o fizeste, com aqueles cinco «diabos».

Alguns ciclistas inexperientes, percorrem a estrada alcatroada do Campo 28 de Maio. Soeiro, interessado, acompanha-os com a vista, parecendo alheado da conversa.

De súbito, olhando-nos bem de frente, asseverou-nos:

— Aspiro a fixar-me em definitivo, no «team» principal. Como uma das grandes virtudes na vida é saber esperar, eu esperarei que esse dia chegue e há-de chegar, acredite, porque para tal não me faltam coragem, perseverança e, sobretudo, confiança nos meus recursos.

No tom de voz havia firmeza e no olhar um clarão de esperança, que interpretámos como revelação de que o seu desejo era maior ainda do que nos confessara, talvez aquela, quem sabe, que é comum a todos os jogadores...

P. C.

A ideia é a mesma, mas o texto foi desenvolvido e tornado mais explícito.

Citemos factos conhecidos, mas sobre os quais as antigas leis eram omissas: «O contacto da bola com a rede não constitui uma passagem e por isso o jogador que atirou a bola de encontro à rede não tem o direito de voltar a tocá-la antes de haver sido jogada por um dos seus companheiros de equipa». «Se dois jogadores tocam simultaneamente na bola, este duplo toque constará como uma passagem (só mais um toque para enviar a bola ao campo adversário) e nenhum dos dois jogadores pode voltar a tocar na bola. Para que seja contado o passe é necessário que os dois jogadores toquem efectivamente na bola. Se dois jogadores se precipitam para a bola mas apenas um consegue tocá-la, mesmo havendo choque entre eles, contar-se-á apenas um toque e o jogador que não a alcançou tem o direito de interferir no seguimento do lance».

A Regra 10.^a é a que trata das faltas e seus castigos. Sem modificações doutrinais, a composição foi inteiramente modificada e acrescentada.

As faltas são classificadas: no serviço, na recepção, à rede, na posição e diversas.

Disposições a notar: «No caso de dois ou três avançados formarem bloco (grupos) a menos de um metro uns dos outros) conta-se um único toque, mesmo que a bola seja tocada por mais de um dos componentes do bloco; mas, neste caso, nenhum dos jogadores incorporados no bloco tem o direito de voltar a tocar na bola antes de outro jogador dos não incluídos no bloco lhe ter tocado».

«Quando a bola é atirada com força para a rede de maneira a empurrá-la de encontro a um jogador adversário, se este for tocado pela rede contar-se-á falta como se tivesse tocado vo-

luntariamente a rede. Quando porém, se trate do terceiro e último toque na bola e esta não continue em jogo transpondo a rede, tal contacto não constituirá falta para o adversário.

«Quando a bola estiver em jogo no seu próprio campo, é permitido passar uma ou duas mãos por baixo da rede, desde que se conservem os dois pés no campo próprio».

A Regra seguinte é inteiramente nova; concede o direito aos capitães dos grupos, de pedirem por duas vezes em cada jogo, uma interrupção de um minuto para repouso. É o sistema usado no basquetebol.

A contagem de pontos para o ganho da partida, sobre alterações; de futuro todas as partidas, mesmo a do desempate final são jogadas a 15 pontos, com vantagens. Desaparece a partida aos 21 pontos.

As partidas disputam-se ao melhor de três ou cinco jogos, sendo obrigatórios os cinco jogos nos encontros internacionais.

Eis, sucintamente expostas, as modificações ou esclarecimentos introduzidos nas regras do voleibol pela comissão elaboradora do Congresso de Paris, em que Portugal participou.

Bom seria que a Federação antes do princípio da nova temporada promovesse (depois da publicação integral do novo texto) uma série de palestras elucidativas para árbitros e jogadores.

Salazar Correia

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

FAMALCA

Farinha com extracto de malte e sais de cálcio (isenta de leite)

Mesmo em verdadeiros estados mórbidos do aparelho digestivo a farinha Femalca produz magníficos resultados.

A farinha Femalca é amilácea, maltosada e com sais orgânicos de cálcio e um poder nutritivo de 385 calorias por 100 gramas.

A classe médica aconselha a Femalca, por ser um produto indispensável às crianças e convalescentes

Um produto da Secção Diética da Fábrica de Chocolates Favorita

A ginástica nos Jogos Olímpicos

A Federação Internacional de Ginástica procedeu à primeira reunião da sua assembleia plenária, na sede do Conselho Nacional dos Desportos, em Paris.

Entre 22 nações inscritas, dez tomaram parte nesta assembleia: Bélgica, Espanha, França, Grã-Bretanha, Hungria, Itália, Luxemburgo, Suécia, Suíça e Checoslováquia.

Foi votada a reintegração da Itália, as admissões da África do Sul, da Hungria e do Irão na Federação Internacional de Ginástica.

Os representantes das Federações nacionais que assistiram ao Congresso da Federação Internacional de Ginástica visitaram o Instituto Nacional dos Desportos, em Joinville, onde assistiram à apresentação dos movimentos impostos nos Jogos Olímpicos que se realizarão no ano que vem, em Londres. No final da demonstração, introduziram-se certas modificações naqueles movimentos. Assim, para as mulheres, para igualar as probabilidades dos concorrentes, fizeram-se alterações importantes nos exercícios em arcos móveis. Quanto aos homens introduziram-se pequenas modificações no que respeita aos preliminares, nomeadamente.

A Federação Francesa de Ginástica pedira a criação de um campeonato da Europa. Os delegados ao Congresso Internacional, pondo de parte a sugestão francesa, resolveram, depois de curta discussão, organizar todos os dois anos, um campeonato mundial de ginástica individual, quando os Jogos Olímpicos são disputados por equipas. O primeiro campeonato do mundo foi marcado para 1950. A nação organizadora e o local escolhido serão indicados oportunamente.

Além disso, a Federação Francesa de Ginástica propôs que se acrescesse ao programa dos campeonatos do mundo de ginástica artística, três provas de atletismo: 100 metros, lançamento do peso e salto em altura.

MOSAICOS nortenhos...

QUATRO PORTUENSES EM TREINO

Estão a ser submetidos a treino da Seleção Nacional 4 jogadores do F. C. do Porto: — Araújo, Barrigana, Alfredo e Carvalho. Segundo nos consta, a defesa Alfredo deslocar-se-á para Lisboa, durante 15 dias, a convite do Conselho Seleccionador, a fim de ser submetido a uma preparação especial. O médio Carvalho, que tem jogado à defesa, será experimentado como médio de ataque — pois tem capacidade para actuar nos dois lugares. Não será por agora — mas o irrequieto jogador tem futuro, sem dúvida alguma.

AS OBRAS NA CONSTITUIÇÃO

O público portuense tem feito corridas constantes para o velho Campo da Constituição. As obras começaram há semanas e seguem ritmo acelerado. O F. C. do Porto, porém, via a execução delas embaraçada pela permanência constante de assistentes. Assim, mandou para os jornais um comunicado em que solicitava a colaboração dos seus admiradores.

Ficam estes privados de ir à Constituição durante muitos dias. Mas, em boa verdade, todo esse sacrifício é preciso, urgente, e não se negam a ele as pessoas de boa vontade.

UM CAMPO DE BASQUETEBOL

No Campo da Constituição, onde existiam dois «courtes» de ténis, vai surgir um terreno dedicado à prática do basquetebol.

Fica muito bem localizado. O F. C. do Porto fará obras interessantes, em volta do campo, possivelmente com uma bancada em cimento, ampla e forte. Mesmo com o seu Estádio construído, pode o F. C. P. explorar pelos tempos fora o campo de velhas tradições, e o terreno destinado ao basquetebol não fica ali a mais. Merece, por isso, a simpatia dos associados e da Direcção.

RECORDAÇÕES INESQUECÍVEIS

Apresentou-se no Porto, no Estádio do Lima, em ambiente saudável, a equipa do Sport Lisboa e Saudade. Jogou contra os «rapazes» da «Velha Guarda», e estes perderam por 3-1. Os componentes da equipa lisboeta estavam mais ou menos preparados.

na capital do NORTE

Os portuenses provocaram muitas vezes o riso. As barrigas de Alvarito, Castro e Avelino deram motivo para isso...

CERCA DE 100 CONTOS DE BILHETEIRA

Foi adorável o público do Porto. Decididamente: — não esquece os seus ídolos. Siska, na verdade, era simpático, um belo desportista.

A sua família, que havia constituído no Porto, ficará felizmente defendida das mais urgentes necessidades, graças ao público adorável do futebol, sempre disposto aos maiores sacrifícios.

COMEÇOU O QUEIJE EM CAMPO

Começou a disputar-se, no último domingo, o campeonato regional de queije em campo. Os portuenses começam sempre cedo o seu torneio, mas a modalidade acaba por enfatizar, dado o grande número de jogos a que tem de assistir.

Já dissemos em tempos que há grupos a mais numa só divisão. Poderia, pelo menos, fazer-se um campeonato por séries. Não se enveredando por outro caminho, Lisboa acabará por vencer todos os campeonatos — apenas com 3 ou 4 grupos inscritos...

OUTRA MODALIDADE EM ACÇÃO

O andebol já se apresentou ao público, em «Torneio Infio». Os melhores grupos portuenses estão em movimento, tendo-se assistido a alguns jogos interessantes.

No aspecto disciplinar é que se tem falhado um pouco. Foram já expulsos alguns jogadores. E' bom que o mal não ganhe raízes, para se não tornar o andebol um jogo conflituoso.

Stadium
Desde o n.º 1, 2.ª Série,
cada exemplar, 2\$50

SOLIDARIEDADE

O público desportivo do Porto, como o F. C. P., clube de Siska, souberam prestar ao falecido atleta todos os auxílios de que precisou em vida. Não será inoportuno recordar este facto, até porque temos já lido e ouvido opiniões injustificadas.

Miguel Sisk, infelizmente, foi atacado por uma doença gravíssima, que não lhe perdoou. Aqui nada pôde a amizade dos que o admiraram e não o esqueceram, e nem a simpatia indiscutível da sua colectividade. O F. C. Porto, desde sempre, estabeleceu a Siska um ordenado, e já se disse que o indiloso rapaz era mesmo funcionário aplicado na secretaria dos campeões portuenses, não vivendo por isso em situação igual à de alguns jogadores conhecidos. O caso era diferente.

A solidariedade desportiva manifestou-se com exuberância junto de Siska. É bom que isto não esqueça. Graças a Valdemar Mota, seu grande amigo e antigo companheiro, Siska recebia determinada importância mensal, a que juntava 1.500 escudos do F. C. Porto. O jogo Porto-Boavista rendeu para Siska cerca de 10 mil escudos. E outras verbas lhe foram ter às mãos.

Sabemos que Siska disse a um nosso camarada da Imprensa do Porto que se estava a defender o auxílio de um modo que lhe amolecia o espírito, — pois não se considerava necessitado até esse ponto. Siska era um carácter. Mas os seus amigos, sabendo que estaria para breve o falecimento do grande jogador do passado, queriam que ele morresse tranqüilo sobre o futuro dos seus. Siska conhecia o seu estado. O presente poderia considerar-se defendido e só o mal era de morte.

Ficaram os mesmos amigos. Por isso se fez a festa de domingo, em que colaboraram de novo o seu clube, a Sanjoanense e o Sport Lisboa e Saudade — os velhos do Benfica. A solidariedade não é uma palavra vã, no desporto. Os portuenses, como já aconteceu com o indiloso Acácio Mesquita, sabem cumprir com os seus deveres. Basta que os seus atletas hajam cumprido também com o seu, como sempre o fez Siska, por exemplo.

Este infeliz jogador, que se tornou português a tal ponto que falava a nossa língua correctamente, escrevendo mesmo alguns artigos, nos jornais, conhecendo a História de Portugal como qualquer bom aluno, foi colega do autor destas linhas num curso de francês e inglês. Isto prova o seu desejo de cultivar a sua inteligência. Conquistou simpatias e não admira, portanto, que todos sentissem a sua morte quando estava na flor da vida.

CATEGORIAS INFERIORES

Voltamos ao problema: — categorias inferiores. Disputou-se a «Taça A. F. do Porto», numa só volta, é sabido, em duas categorias, mas ficaram de fora os segundos grupos. E depois de concluído o Torneio — tudo entrou no esquecimento.

Ora, para bem do futebol, o caso parece lamentável. Das categorias inferiores sobem elementos valiosos, alguns com o grupo de honra à vista. Não se habituando os novos a jogar e ao próprio ambiente criado pelo público — não se perderão qualidades e, possivelmente, boa revelações?

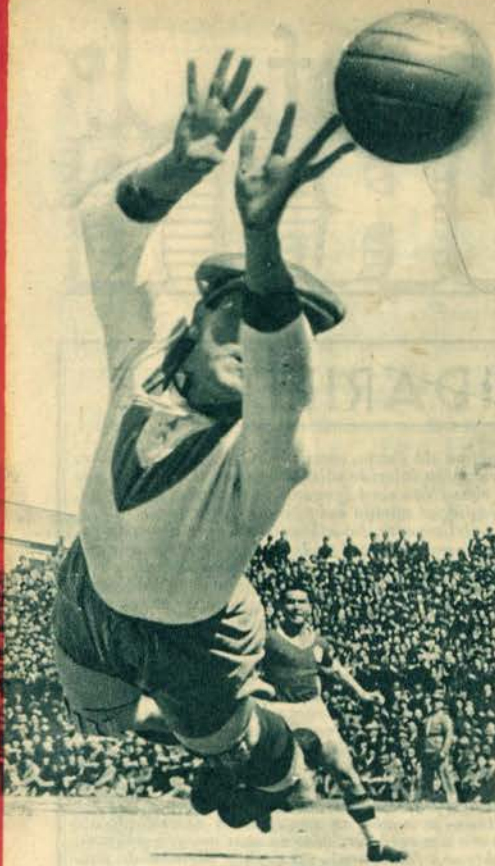
Em todos os tempos, as categorias inferiores dos clubes foram distinguidos pelos treinadores e também pelas assistências. Alguns

jogos, enchiam os campos. Parece de toda a justiça, portanto, que sejam agora acompanhados os novos, de mais a mais sabendo-se que o futebol ganhou raízes no espírito geral.

Não se disputaram campeonatos, bem sabemos. Mas a A. F. do Porto, e até os próprios clubes se esta não quiser, podem organizar torneios para as categorias secundárias, fazendo disputar qualquer troféu que os interesse na luta.

Seja como for, é preciso agitar as categorias inferiores. Os novos são precisos, para evitar a lei da «acompra», agora tanto em voga. E como deve fazer-se isso? Provocando jogos. Isso não se tem feito durante a época actual.

À MEMÓRIA DE SISKÁ



Siská em acção, na plenitude das suas faculdades. Foi há muito tempo! Esta fase foi colhida por Nunes de Almeida no antigo campo das Amoreiras: o voo de Siská é harmonioso e puro de linhas. Ao lado vê-se Alfredo Valadas, hoje treinador auxiliar do Benfica



A equipa, já famosa, do Sport Lisboa e Soudade



O grupo da «Velha Guarda» do Futebol Clube do Porto

PODE descansar em paz o malogrado Siská! A sua família, graças à maneira generosa como o público do Porto lhes quis prestar homenagem póstuma, ficou agora livre de muitas dificuldades. Mais uma vez cumpriu com os seus deveres o público desportivo, e mais uma vez se verificou também que a volidariedade não é letra morta!

A esta conclusão pôde chegar-se no domingo findo, no Estádio do Lima. As visitas do Sport Lisboa e Soudade e da Associação Desportiva Sanjoanense, feitas sem despesas para organização; o modo simpático como todo o público correspondeu à iniciativa; e ainda a colaboração directa que na homenagem tomou o clube de Siská, o popular F. C. P., afirmaram bem alto a vantagem de se manter desportista puro quem se haja ligado a clubes de categoria.

Nesta festa de homenagem à memória de Siská, o F. C. Porto jogou com o Sanjoanense, e vencendo os antigos Divisyonários de Aveiro por 3-1. O campeão apresentou duas equipas: Barrigana, Alfredo, Gullhar, Joaquim, Gastão, Carvalho, Ângelo, Araujo, Catolino, Vergílio e Ferreira. Depois — Mesquita, Alfredo, Fragata, Carrico, Hermínio Ferreira, Alvaro, Sanfins, Araujo, Boavida, Albano e Ferreira. Pelo Sanjoanense: — Adão, Alves, Costa Leite, Bernardo, Baptista, Joaquim, Pardal, Arlindo, José Alves, Azevedo e David.

Após este encontro jogaram 60 minutos o S. L. e Soudade e «Velha Guarda do F. C. P.», que não tinha a preparação dos adversários, de outras épocas. Os velhos do Porto perderam por 3-1 e não admitiu, evidentemente. Vejamos as equipas: S. L. e Soudade — Pedro da Conceição, António Pinho, Gaspar Pinto, Albino, Vitor Hugo, Gustavo Teixeira, Domingos Lopes, Rogério, Luis Xavier, Guedes Gonçalves e Valadas. «Velha Guarda do F. C. P.» — Soares dos Reis, Avelino Martins, Pedro Temudo, João Nova, Alvaro Pereira, Francisco Castro, Valdemar Mota, António Santos, Carlos Mesquita, Artur Sousa (Pinça) e Carlos Nunes. Deram-se muitas substituições, principalmente na equipa do Porto. Jogaram, aqui, 9 internacionais e 1 olímpico!

A festa principiou e terminou rodeada de simpatia. E de boas atitudes. Os lisboetas, com belos gestos, foram muito bem recebidos. Siská foi recordado saudosamente. — R. T.



O dr. Cesário Bonito, presidente do F. C. P., ao dar o pontapé de saída



Foto HERMANN

O 1.º golo do Sport Lisboa e Soudade marcado por Valadas



Um remate de cabeça do grande internacional Waldemar Mota



A troca de recordações entre os representantes dos dois grupos constituídos pelos antigos jogadores do Benfica e do Porto